

SE
TEM ALGUMA IDEIA QUE
LHE PAREÇA FELIZ PA-
RA O BRILHANTISMO DO
NOSSO CARNAVAL,
APRESENTE-A A COMIS-
SAO.

ANO VIII - N.º 195
JANEIRO
10
1960

AVENÇA

A Voz de Loulé

QUINZENARIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Tel. 154 - R. Tenente Valadim, 30 - FARO

DIRECTOR

Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216 - R. da Carreira, 42-44 - LOULÉ



ANO NOVO

Embora a mudança de ano seja mero convencionalismo, pois, naturalmente, os dias e os factos se vão sucedendo no mesmo ritmo, o que é certo é que, no começo de cada novo período de 365 dias, acrescido de mais um de 4 em 4 repetições, nos parece que a simples passagem da «folhinha» é capaz de nos trazer modificações na vida de cada um e no próprio rodar do Mundo.

É este o primeiro número de este novo ano que desejamos sair, como antigamente se dizia, um ano da graça...

Não cremos que, para o nosso País, ele nos traga qualquer alteração substancial, mas é natural que certos problemas da crise mundial se refiram mais intensamente naquilo que é nosso e nos cumpre salvaguardar.

Estamos a pensar na nossa América.

Nas vizinhanças da nossa Pátria, nas suas parcelas ultramarinas, ateiam-se incêndios que, em simples desenvolvimento natural não nos queimaram, mas temos de contar com a ação dos incendiários internacionais que se não pouparam a esforços para nos deitar fogo à casa.

1960 será o ano em que grandes coisas podem decidir-se no e para o Continente Negro.

Mais do que nunca os portugueses deverão manter-se unidos,

pois sempre que assim estivemos, mesmo pouco numerosos, podemos conduzir Portugal na sua missão universalista e histórica. Há que tomar consciência das nossas responsabilidades de portugueses e que abandonar provincialismos particularistas; que definir posições contra aqueles que, seja por frio e querido propósito anti-nacional, seja por paixão ou despeito político, no País ou fora dele, por palavras ou por atitudes, fomentem a desordem ou a traição.

Mientras vuelve... os mais altos representantes das nações deslocam-se, pelo mundo inteiro,

(Continuação na 4.ª página)

O sr. Ministro das Obras Públicas de novo no Algarve

De visita aos trabalhos em curso na nossa província, especialmente em Lagos e Sagres, deslocou-se mais uma vez ao Algarve o dinâmico Ministro das Obras Públicas sr. Eng.º Arantes e Oliveira.

Distribuição de prémios aos estudantes

No passado dia 3, no Salão da Câmara Municipal, teve lugar a distribuição dos prémios anuais, instituídos pelo Município, para galardoar os estudantes naturais do concelho que mais se distinguem no ano lectivo anterior.

Presidiu à sessão o chefe do Distrito e fez a oração de saudação o sr. capitão Fausto Lagonha Ramos, nosso prezado amigo e conterrâneo.

Intitulando-a «Pequena excursão pelo mundo do pensamento», o orador evocou o que teríam sido as primeiras actividades do homem como ambrião da ciência, em busca do «como?» e dos «porquê?», passando em rápida visita as teorias por que, desde antiguidade, o homem tem procurado explicar a natureza, o Universo e os seus fenómenos; expôs as relações entre Filosofia e as ciências autónomas, especialmente segunda a tese tonista, faz a distinção entre a Filosofia e a Teologia por chegar à conclusão de que, em algumas teorias dos sábios da antiguidade, se encontram como que a intuição das mais recentes descobertas da ciência.

Referindo-se a várias conclusões de história insistiu na natureza espiritual do homem afirmou, com Francis Bacon que a verdadeira ciência conduz a Deus e apontou aos premiados a modestia, a razão recta e a grandeza de alma dos verdadeiros sábios.

(Continuação na 4.ª página)

O NOSSO CARNAVAL

Em reunião realizada na 6.ª feira, ficaram assentes os trabalhos preparatórios para a efectivação das Batalhas de Flores de Loulé-1960, os quais vão ser já iniciados.

O ARQUITECTO MANUEL MARIA LAGINHA

Depõe para «A Voz de Loulé» acerca do «Plano de Urbanização de Loulé» de cujo projeto é autor

— Quer V. Ex.ª dignar-se confriar ao nosso jornal as suas impressões, se possível, relacionadas com a Urbanização de Loulé?

Acedo com muito interesse, lamentando, no entanto, que a falta de tempo me impossibilita de dar a certos pontos, o desenvolvimento que merecem.

Apesar disso, aproveitarei o ensejo para esclarecer a opinião pública que, segundo penso, comeca a acusar certa perturbação.

Como V. Ex.ª deve saber, os Serviços a que pertenço foram há tempo incumbidos, por despacho ministerial, de elaborar as nor-

mas em que deveria assentar a urbanização da nossa Vila.

Esta medida de exceção fora aplicada precisamente no desejo louvável de acabar com o «impasse» já de longa data verificado. Foi assim produzido, em tempo quase «record», um trabalho que os ilustres membros da vereação puderam conhecer em detalhe. Por consideração pela opinião pública e permitindo recolher as reclamações que porventura pudesse suscitar, também o referido estudo esteve exposto no edifício da Câmara durante 30

(Continuação na 2.ª página)

FOI EXTRAORDINÁRIAMENTE CONCORRIDAS



a posse do novo presidente da Câmara Municipal

DE LOULÉ

O momento em que o sr. Governador Civil e sua comitiva entraram nos Paços do Concelho.



O sr. Presidente da Câmara Municipal de Loulé pronunciando o seu brilhante discurso

Horticolas do Algarve. Dignou-se presidir ao acto o sr. Dr. António Baptista Coelho, para que, como noticiámos fora dias antes nomeado, o sr. Francisco Guerreiro Barros, nosso prezado amigo e conterrâneo e presidente da direcção do Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos

O Salão Nobre da Câmara encheu-se literalmente, vendo-se na assistência pessoas de todas as categorias e credos políticos e algumas



Leitura do auto de posse

Loulé e o seu Carnaval

Arte, brilhantismo, beleza e alegria é o cartaz que LOULÉ apresenta este ano na grandiosa e empolgante espectáculo da «BATALHA DE FLORES» no seu Carnaval — 1960

O Carnaval de Loulé tem já uma história com «barbas brancas», como já o disse o bom louletano e jornalista Raul Pinto.

Falar do Carnaval de Loulé, é falar do Algarve.

Cartaz autêntico da Província do Sul do País até hoje INIGUALÁVEL E AINDA NÃO SUPERADO, o que é um notável e honrada Vila de Loulé vem apresentando de há 53 anos a esta parte.

O «Corso» no seu desfile pela

magistrosa Avenida José da Costa Mealha com as suas batalhas de flores, traduzem e significam bem, no que respeita a Arte e Beleza, o seu valor.

Além da arte e beleza de que elas se revestem, há, o gritante entusiasmo e a euforia bairrista que as tornam em verdadeiras festas de acentuado cunho artístico onde, o fim é UM SÓ: «O Hospital».

(Continuação na 8.ª página)

ADEUS, ALGARVE MEU!...

Por Marisabel Xavier de Fogaça

Procurou-me o redactor em Lisboa da «Voz de Loulé», Luís Sebastião Peres, um velho lutador neste campo árido e ingrato das letras, a pedir que lhe desse duas linhas para o seu jornal por via do seu 7.º aniversário.

Gostosamente acedo — por amizade para com o Luís Peres e por simpatia para com o seu e meu jornal.

O facto de há longos anos ter

sido do Algarve, de ter andado por aí aos trambulhões dum para outro lado, para sempre me vir fixar na minha casinha nesta Lisboa garrida que adoro, não me fez esquecer nunca a terra linda que me viu nascer, uma aldeiazinha pequenina que mercê dos paradoxos da vida se chama de Mexilhoeira Grande. Sou portanto uma algarvia aldeia, que

(Continuação na 2.ª página)

PARA QUE A BATALHA DE FLORES DE LOULÉ DE 1960 RESULTE EXPLENDOROSA E DIGNA CONTINUADA-RA DO BRILHO DOS ANOS ANTERIORES, ESPERA-SE A COLABORAÇÃO ACTIVA DE TODAS AS PESSOAS DE BOA VONTADE QUE QUEIRAM AJUDAR A MANTER A TRADIÇÃO DAS NOSSAS FESTAS CARNAVALESCAS.

O HOSPITAL DE LOULÉ PRECISA E MERECE O VOSSO AUXILIO.

dade e prestígio ao serviço do seu torrão natal.

Mais uma vez nas funções que já desempenhava, nós, que sempre tivemos pelo Dr. José Correia do Nascimento uma admiração sincera, formulamos os nossos votos de imensas felicidades e venturas para que a sua e nossa Província inteira, possa, constatar — dada a sua dedicação pela causa pública algarvia — obra meritória nas mesmas trajectórias, quando à frente da antiga Junta de Província; e desde já, a «A Voz de Loulé», de maneira muito leal e espontânea, cumpreita tão distinta figura do Algarve, oferecendo o seu ilimitado e modesto préstimo para tudo quanto de Bom e Útil possa contribuir para o prestígio do NOS-
SO ALGARVE e, de uma maneira geral, para o prestígio do País.

L. S. P.

Vai em breve iniciar-se

a construção de armazéns para recolha de figos

Comunica-nos o sr. engenheiro Gouveia Vargas, ilustre delegado da Junta Nacional das Frutas em Faro, que dentro de pouco tempo vai dar-se inicio à construção, em Lagos, do primeiro armazém para desinsectação e conservação de figos, dos 4 previstos no II Plano de Fomento e cujo ante-projecto está a ser elaborado.

Folgamos com a notícia, pois assim se começará a trabalhar na defesa do produtor agrícola do Algarve.

O nosso número de aniversário

Queremos testemunhar publicamente os nossos agradecimentos às pessoas e colegas de imprensa que nos endereçaram as suas felicitações pelo aniversário do nosso jornal e pela edição especial que por esse motivo editámos, a qual serviu de pretexto para algumas exteriorizações de apreço para com o nosso modesto quinzenário e que serviram de lenitivo para as canseiras e extenuante trabalho que nos deu, sem outra recompensa que não fosse a satisfação de pretendermos ser útil à nossa terra.

No entanto, alguns não teriam simpatisado com a nossa iniciativa...

A fim de atendermos a alguns pedidos que nos foram dirigidos de Lisboa, informamos que futuramente o nosso jornal poderá ser adquirido em Lisboa na Tabacaria Mónaco-Rossio, onde também se encontram à venda alguns exemplares do número especial.

A Casa do Algarve e o Natal dos algarvios pobres, em Lisboa

A Comissão de Beneficência da Casa do Algarve, em Lisboa, de que é seu Presidente o Benemérito e distinto louletano, Dr. Humberto Pacheco, distribuiu no passado dia 23, por intermédio do seu grupo de protectores assistentes, um auxílio de Natal a cerca de 400 algarvios necessitados, que receberam entre 40 e 70\$000 cada.

Assistiu à distribuição o sr.

(Continuação na 4.ª página)

Dr. José Correia do Nascimento

Sob a presidência do sr. Dr. António Baptista Coelho, ilustre Governador Civil, na reunião dos procuradores eleitos pelos vários municípios algarvios foi, este nosso ilustre comprovínciano, sr. Dr. José Correia do Nascimento reeleito para presidir à nova — chamada agora — Junta Distrital de Faro.

Usaram da palavra os srs. Drs. José Ascenso e Angelo Delgado, respectivamente presidentes das Comissões Distrital de Faro e Concelhia de Loulé da União Nacional, referindo-se ambos à personalidade do novo presidente do Município e à forma como haviam procurado encontrar, para propôr para tal cargo ao sr. Ministro do Interior, pessoa à altura da conjuntura política e administrativa do Concelho de Loulé.

O sr. Dr. José Ascenso fez o elogio dos membros da Comissão

(Continuação na 8.ª página)

(Continuação na 4.ª página)

Banheiras de Marmorite

João de Sousa do Nascimento

acaba de receber grande sortido a preços inacreditáveis

Descontos para revenda

Lava louças de todos os tamanhos
e em todas as cores

LOUÇAS SANITÁRIAS

Quartos de banho completos
agora com o excepcional

DESCONTO DE 25%

ESTÂNCIA DE MADEIRAS
FERRAGENS E DROGASRua Dr. Ataíde Oliveira
(ao lado do Mercado Público)

LOULE'

Pró Monumento
ao Dr. José Bernardo Lopes

(Continuação da 1.ª página)

to e por isso estou longe de poder

criticar.

Quando digo desagregação ou cristalização, não pretendo ferir a susceptibilidade de qualquer dos elementos que a formavam, não só por os conhecer, e os considerar, como também não admitem a existência de um ouletano que não visse com bons olhos a justa homenagem que o Médico e Benemérito merece.

Sou, por natureza, adverso a polémicas jornalísticas e como tal, não gostei de alguns artigos que se escreveram acerca do caso, mas também não deixo de reconhecer que foram úteis para o fim em vista.

A ideia de oferecer o «pedículo» para o monumento nasceu em mim quando li a exposição do sr. Manuel Guerreiro Pereira (tesoureiro da Comissão) pois coincidiu com a homenagem feita pelos habitantes de Moscavide ao Dr. Patação, cujo projecto foi elaborado pelo meu particular amigo Arquitecto Jorge Costa.

Conversando com ele e com dois canteiros meus conhecidos acerca do seu custo, bem como o valor da pedra aplicada, conclui que se houvesse a oferta desta, a importância indicada na referida exposição seria talvez suficiente para o busto tendo em consideração a oferta da Câmara, do resto do bronze do monumento ao Ilustre Engenheiro Duarte Pacheco.

Quando, porém, li a entrevista do Sr. Dr. Humberto Pacheco

(sem o querer melindrar pela sua sugestão) receei que de facto, a homenagem a fazer ao Dr. Lopes se limitasse ao medalhão por ele preconizado e quase prontamente escrevi ao sr. Doutor Jaime Rua expondo a minha ideia.

Falar do Doutor Lopes e das suas qualidades bem como da justíssima homenagem que os ouletanos pensam levar a efeito, é repór muito o que se tem dito e escrito, e eu mesmo assim sentir-me-ei ainda devedor de muito que ele fez à minha família.

Vamos concretizar a ideia e para isso é preciso:

1.º — A Comissão indicar o local onde pretende erguer o monumento.

2.º — Levarei a Loulé o meu Amigo Arquitecto Jorge Costa para conhecer esse local e estudar o projecto que se coaduna com o mesmo.

3.º — Contribuirei com a promessa já feita e nos moldes da mesma.

4.º — A Comissão, consultar escultores para a elaboração do busto. Se esta entender, eu com os meus conhecimentos e os do Arquitecto citado poderemos encetar essa diligência.

Estamos prestes a entrar no ano de 1960 e o tempo será pouco para conciliar ideias sugestões, no caso de querermos ver a homenagem feita no 4.º ano do falecimento do homenageado.

Quando da nossa ida a Loulé, fomos portador do desenho do «pedículo», o qual, foi muito apreciado por alguns membros da Comissão e pelo Director do nosso jornal.

Agora só resta à Comissão pronunciar-se, a quem concede-mos a palavra.

Com esta entrevista, damos por encerrada a nossa intervenção nesta Campanha, esperando que o Monumento seja um facto em 1960.

L. S. P.

PRÉDIO

Vende-se um prédio em bom estado de conservação, situado na Horta do Curral, com 4 divisões.

Tratar com Américo Ximenes — Rua Pedro Nunes — Campina de Cima — Loulé.

Se quereis ter boas colheitas aplicai adubações perfeitas.

Os adubos CUF são dos melhores

Revendedor:

MANUEL GUERREIRO PEREIRA

LOULÉ PORTIMÃO LAGOS

o Centro Consultivo Químico

Industrial, L. da
de FARO, tem o gosto

de anunciar a constituição da sua associada

CONSIL
EQUIPAMENTOS INDUSTRIAL, L. da

Avenida João XXI, 68-A LISBOA

Telef. 76 29 62 — 76 33 22 — 76 69 43

cujos serviços ficam à inteira disposição da nossa distinguida clientela Algarvia, permitindo um contacto rápido e eficiente com o mercado de Lisboa.

ADEUS, ALGARVE MEU!

(Continuação da 1.ª página)

continua a ser cem por cento algarvia, que continua a falar com o seu sotaque cantante e a pensar com o cérebro cheio de sonhos e ilusões, como todos aqueles que recebem do mar os primeiros sons de poesia e encantamento e das amendoeiras em flor a primeira bênção de pureza e carinho. Não contam as lutas nem os anos. Não contam as tristezas nem a nostalgia dum bem que não se chegou a atingir. Quando se é algarvio temos no sangue o sonho e no coração um verso sempre a cantar. Talvez por isso o Algarve comece a acabar numa poesia, e traz de Lagos a Vila Real de Santo António uma pleia de valores em seu redor. Nem todos são grandes como no passado o foram Bernardo de Passos ou João de Deus. Nem todos são grandes no presente como o genial incomparável Júlio Dantas... Mas destes pequenos, quase desconhecidos, em quem ninguém fala, de quem ninguém fala, que lutam pelas firmas pequenas, pelas repartições do Estado, pela rua, pelo pão nosso de cada dia, quantos valores, quantos! Valores que nascem e morrem envoltos em sonho, casacos coagidos, olhos fiamos dum bem que nunca chegaram a viver!

Creio que o algarvio que tanta fama de lutador e aventureiro tem, no campo das letras acoberda-se um pouco. Ou talvez nem seja cobardia mas apenas indiferença pela vida e pelo que os rodeia, alma posta mais alto mar da sua luz pela terra em que vegetam...

Mas eu não queria o começo destas poucas e simples linhas falar propriamente dos que, recebendo de Deus um dom, dele descuraram esquecidos que, ninguém tem o direito de deitar fôr aquilo que por graça do Alto recebemos. Não interessa não chegar ao cume da glória nem da fama nem da riqueza, não interessa colher louros ou encômios, não. Interessa é procurar elevar acima de nós mesmos e das nossas vidas paixões humanas o ideal que vive nas nossas almas, interesse sim é dar aos outros, aquilo que por graça de Deus have mos recebido. E nós, os que escrevemos, pouco e mal embora recebemos uma herança maravilhosa do Criador. E os algarvios, mais do que outros quaisquer, mercê do cenário que lhes serviu de berço, mercê da nostalgia que lhes vive no peito, mercê do próprio atavismo que lhes corre no sangue, tem em si fontes inexgotáveis de valor, de nobreza e de idealismo.

Aprecia-se melhor esse valor, essa nostalgia e esse atavismo lendo atentamente a imprensa regional. Em todas as Províncias, os jornais locais são na maior parte das vezes fonte de consulta comercial e ensaios de novatos articolistas com pretensões a escritores. No Algarve, rico de publicações jornalísticas, os Jornais comportam prometedores ensaios e verdadeiras obras primas de literatura. Nomes conhecidos, valores indiscutíveis, enfileiram-se nas colunas dum jornal ao qual anônimo que começo já. Rendilhada e fina prosa ao lado do anseio da alma dum novo que promete. Páginas de puro estilo ombreado com poemas que envergonham por vezes os discutidos poetas. E assim o Jornalismo no Algarve, e daí a luta através dos anos, e daí a coragem que é necessária para subir até aos 12 meses de vida num jornal e aos 24 e aos 48 e por aí a fora. Raras vezes sucede, apesar do espírito tendente às lides das letras, o Jornal que se apanha por aí além. Singrando, deve-o à tenaz luta de meia dúzia de dedicações, à compreensão de poucos, e à colaboração dos amigos que muitas vezes longe não o esquecem porque ele vai, sempre persistentemente também, visitando-o, levando-lhe da sua terra o afago da dedicação e o perfume da saudade. Eu sei por mim o

que sentia de doce e consolador, quando em terras de África distante, recebia o quadrado pequeno que nem já cheirava a tinta fresca, mas que contudo continha, para mim, o odor das flores da minha terra, a branura das amendoeiras do meu Algarve, a palavra da saudade do que pensava não voltar a ver...

Tem sido imenso o caminho percorrido nas letras algarvias. A Imprensa regional tem uma obra vasta e proveitosa que hoje nada destruirá. Conta com amigos valiosos e o público reconhece-lhe as vantagens e a necessidade. Como a rádio e a televisão, como o cinema, a imprensa é um dos órgãos mais valiosos de reprecussão de vida, de ideias, de beleza.

Vai a todos os lares e é visto por todos os olhos. Leva de um para outro a verdade, a vida, a saudade...

Quem faz jornalismo, quem tem na alma a gama do verdadeiro jornalista deve mesmo compenetrar-se de que os seus artigos devem conter essas três grandes palavras que acabei de escrever — Verdade, Vida, Saude!

Quem escreve para um público homogéneo mais do que para outro qualquer, deve ser pródigo em distribuir vida que é beleza e bondade, em dizer simples e humanamente a verdade que é bem a virtude e em buscar na saudade do passado a fortaleza e o exemplo do presente.

«A Voz de Loulé», que por cá anda em terras algarvias há 7 anos, fez dessas três palavras o seu lema — e por isso aqui está, ombreando-se já com os melhores jornais algarvios, fazendo parte do grande grupo dos bons Jornais da minha terra.

Estamos todos de parabens por isso. Um Jornal algarvio, deve-se aos filhos da terra que o lançou e pertence-lhe e é obra sua, e é porta-voz dos seus anseios, das suas alegrias e das suas tristezas.

«A Voz de Loulé» não ficará pelo caminho. Continuará sinalizando velas enfundadas, vida acima, no mar belo e azul da compreensão dos seus leitores e tornar-se-há maior, e chegará a velhinho, tal como agora criança, com a mesma fé e o mesmo Ideal.

Aqui ficam os seus parabens ao seu Director sr. Dr. Jaime Guerreiro Rua. Não pare. Parar é morrer. Mesmo depois da morte eu creio que se deve caminhar até junto de Deus...

E se conta o sentir dum algarvia que se honra do seu Algarve, se conta a amizade dum algarvia que nunca esquece a linda Província que a viu nascer, se a minha palavra pode ser escutada por aqueles como eu a algarvios e como eu de parabens pelo dia de hoje, deixem-me dizer baixinho como rezar uma oração, numa prece sentida de alma, duas palavras mais: — SALVE «VOZ DE LOULÉ»! ADEUS, ALGARVE MEU!

Lisboa, Natal 1959
Marisabel Xavier Fogaça

VINHOS

MURTA

Garantia de qualidade

PIANO

Compre-se um piano em bom estado.

Nesta redacção se informa.

O Arquitecto Manuel Laginha

fala à «A VOZ DE LOULÉ»



(Continuação da 1.ª página)

dias. A natureza das objecções que lhe foram apresentadas autoriza desde já a conferir-lhe uma geral aceitação. Porém, ao ser ouvida uma entidade do Estado, que seria descor-te nomear, surgiu uma opinião divergente, num único ponto, mas com importância considerável.

Em face disso, foi a seguir organizada uma réplica que ainda não obteve resposta, muito embora tenham decorrido largos meses, durante os quais tem sido solicitada repetidas vezes.

Aqui tem V. Ex.º, pois, a explicação acerca da demora do anteprojeto, bem diferente, sem dúvida, da que algumas pessoas mal esclarecidas, ou não, tem divulgado.

E quanto às dificuldades levantadas, entretanto, à aprovação dos projectos?

Um preceito legal determina que os Serviços a que pertenço prestem assistência técnica à Câmara Municipal, enquanto o anteprojeto não tiver obtido aprovação superior. Não lhe direi que a Câmara consiga o resultado das suas consultas na volta do correio, mas posso assegurar-lhe que da parte de quem compete tratar do assunto, tem havido o melhor desejo de bem servir o interesse geral e de evitar agravos e favoritismos.

De qualquer maneira, reputo do maior interesse focar que apesar daquele estudo não estar ainda concluído e aprovado, a Vila mantém a quase totalidade da área urbana potencialmente aberta à iniciativa do Município e dos municípios. A sujeição às consultas da praxe, em nada afecta, pois, as suas possibilidades de progresso.

Sob a forma de estudos parciais, o Município e os municípios podem encarar o aproveitamento dos terrenos abrangidos naquele estudo orientador. Por exemplo, a urbanização dos terrenos do Campo da Feira é um ponto por onde a ação municipal poderia já ter-se iniciado neste capítulo.

Muito embora a urbanização da Vila não tenha encontrado as circunstâncias mais favoráveis à consecução, do seu anteprojeto, uma certa estagnação existente no meio, quanto a mim, deve-se menos àquele facto, do que ou-

tros fenómenos complexos e profundos, de certo, merecedores de atenta reflexão.

— Na verdade, Sr. Arquitecto, o progresso urbano de Loulé não parece ter sido muito acentuado nestes últimos tempos, comparado, com a de outras localidades da nossa Província. A que atribui esse facto?

— Não se deve desligar a observação, de uma análise às raízes do fenómeno, até porque, do seu conhecimento pode resultar o esforço colectivo que lhe dê a cura.

O problema, como diria De la Palisse, cifra-se neste binómio: A própria realidade geográfica e económica (a riqueza do solo, o clima, a proximidade do primeiro centro da Província, etc., etc.) e a capacidade do Município e dos habitantes para vencer as dificuldades que se lhe apresentam.

Para o nosso Concelho, eminentemente agrícola, o progresso tem provocado uma alteração no tipo de relações económicas com a Sede. O apetrechamento dos sub-centros, entretanto formados, permitiu um abastecimento mais directamente ligado aos grandes centros. Mas, longe de se dever obstar a esta evolução natural, há que encontrar uma adaptação às realidades, criando novas fontes de energia, para além do fácil mercantilismo, tão arreigado aos hábitos das nossas gentes.

Creio, que é em volta do Município que compete congregar esforços para o aproveitamento dos valores existentes, na aquisição de uma nova seiva (dos quais não excluo, evidentemente, o nosso proverbial baixismo).

Na falta de condições naturais para se aproveitar em pleno a onda de turismo que parece agora avizinhalar-se da nossa Província, penso que, a Escola Técnica pode ser considerada um bom ponto de partida, para uma melhor valorização do Artesanato e da Indústria.

A sapataria, a empreita e outras actividades ligadas à nossa agricultura, e ainda a exploração mineral (água mineral, gesso, argila e cimento, etc.) são exemplos colhidos ao acaso de formas de actividades que poderiam ser tentados entre nós em novos termos.

Os horizontes do nosso pequeno meio precisam, de facto, de ser abertos pelas portas da imaginação, da iniciativa e da cooperação. Nesse aspecto é que a crise, quanto a mim terá de ser vencida.

Faço, por isso, votos sinceros por que, em muito curto prazo, assim suceda, para proveito e orgulho dos que aí habitam e para agrado também dos que, embora labutando fora, não podem alhear-se do poderoso «vírus» com que um dia foram marcados por nascimento, ou por convivência.

L. S. P.

EMPREGADO

Precisa a SOFAR, L.ª — Sociedade de Farinhas para Alimentação de Gados —, empregado para propaganda e vendas das suas farinhas, com carta de condução, conhecimentos de viagem e boa apresentação.

Tratar no escritório da Fábrica, Figuras — FARO.

Caixa Regional de Abono de Família
DO DISTRITO DE FARO
AVISO

A Caixa Regional de Abono de Família do Distrito de Faro avisa todos os seus antigos contribuintes, abrangidos pelos recentes Contratos Colectivos de Trabalho dos Empregados de Escritório e dos Caixeiros do Distrito de Faro homologados por Sua Excelência o Ministro das Corporações em 1 de Novembro último, e inscritos nos Organismos Corporativos neles intervenientes, que não devem continuar a enviar-lhe as contribuições para o abono de família, mas sim para a Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio, pela qual já se encontravam abrangidos pelas modalidades de previdência.

Informa mais que, para evitar escusados contratempos aos beneficiários, ainda quanto ao mês de Novembro os abonos serão pagos por ela na forma habitual, aos que, ainda indevidamente para ela contribuiram e se encarregam de, junto da Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio, regularizar o que se torna necessário quanto a contribuições recebidas e abonos processados.

Não poderá, porém, tal prática vir a ser repetida por quanto os processos dos beneficiários que, desde 1 de Novembro, por força daquelas convenções de trabalho se encontram abrangidos pela C. S. P. P. C. tanto nas modalidades de previdência como de abono de família, foram já transferidos para a referida Instituição.

Mais se esclarece que o prazo de pagamento para a C. S. P. P. C. termina a 10 de cada mês e não a 20 como para esta.

A DIRECÇÃO

NECCHI
AGENTE
EM LOULÉ

O ALGARVE EM LISBOA

Coordenação do nosso redactor LUIS SEBASTIÃO PERES

Dr. Júlio Dantas

«A obra de Júlio Dantas, príncipe reinante das letras portuguesas, representa, como uma vasta Catedral, toda a literatura de um século».

Gustavo Barroso

Uma glória do ALGARVE!

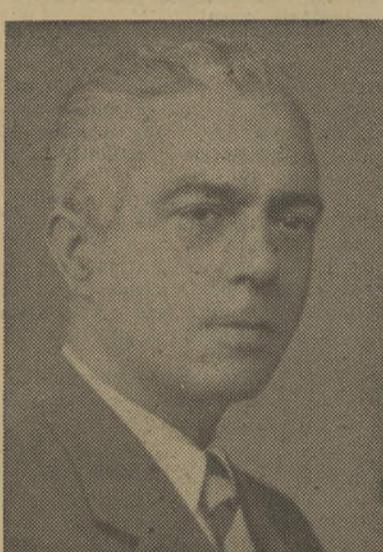
o poder da sua vasta erudição, nunca deixando de dar todo o seu esforço na defesa da unidade e brilho da Língua Portuguesa.

Foi professor e Director da Secção Dramática do Conservatório e o de Inspector das Bibliotecas Eruditas e Arquivos.

Ministro quatro vezes: duas em 1920, sobrando a pasta da Instrução Pública e outras duas sobrando a pasta dos Negócios Estrangeiros. Na diplomacia ocupou lugares de relevo, onde a sua acção foi notável. Foi membro da Câmara Corporativa e do respectivo Conselho da Presidência. Jornalista vigoroso, sendo valioso a sua actuação nos inúmeros jornais e revistas onde colaborou.

Escritor português de nomeada, alcançando as suas edições

(Continuação na 8.ª página)



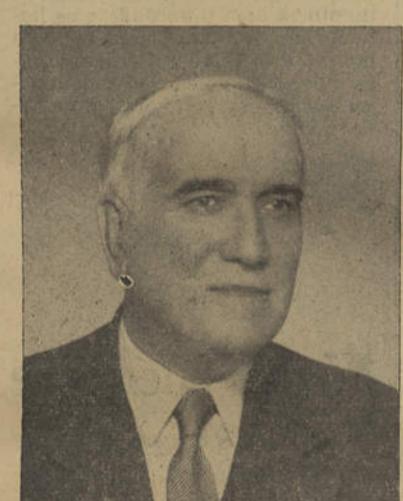
Hermenegildo Neves Franco

Dr. Humberto Pacheco

Muitos são, hoje, os valores louletanos em Lisboa e dentre eles, conta-se a prestigiante figura do nosso conterrâneo Dr. Humberto José Pacheco.

Ao falarmos dos louletanos em Lisboa, cometemos uma impenitível injustiça, se não arquivássemos nas colunas do nosso jornal, no jornal da sua terra (que ele muito quer), algumas palavras justas e merecidas, e elas de agradecimento pelo muito e valioso que tem feito por Loulé, e pelo nosso Algarve.

Espírito desempenhado, dinâmico, infatigável batalhador pelos problemas da sua terra natal; alma aberta às belas iniciativas, benemérito de reconhecida generosidade, colocando-se como tal, em lugar cimeiro, na «Casa do Algarve», que foi um dos seus fundadores e, mais tarde, a grande «alma» na sua reorganização, indo até ao sacrifício da sua vida e bolo particular, socorrendo-a com importâncias elevadas para que não desaparecesse do tablado regionalista, este núcleo algarvio.



Na Comissão de Assistência da «Casa do Algarve» de que é seu ilímo Presidente, o Dr. Humberto Pacheco, é um elemento de proeminente valia, de uma operante actividade para que, todos os anos, pelo Natal, os algarvios pobres que vivem em Lisboa, tenham a sua «consoada», distribuindo-se donativos em dinheiro, vestuário e calçado e em géneros vultuosas importâncias, contemplando muitas centenas de comprovianos nossos.

Todo o Algarve e toda Lisboa sabe das benemerentes actividades de tão prestigiosa figura louletana em defesa da causa Regionalista da Província Algarvia.

Tem sido um exuberante pioneiro do regionalismo algarvio e um dos mais dinâmicos dirigentes da «Casa do Algarve».



Arnaldo Martins de Brito



Maestro Pavia de Magalhães

A PROPÓSITO

Como prometermos, damos hoje à estampa as notas biográficas de mais alguns dos nossos comprovianos residentes em Lisboa que, por circunstâncias várias, não foi possível incluir no nosso número especial de aniversário.

Se esforçou o nosso incansável colaborador Luís Sebastião Peres por fazer mais e melhor, mas nem o tempo de que dispunha nem as condições adversas, lhe permitiram ir mais além.

Da longa galeria de algarvios que fixaram a sua residência em Lisboa e que mercê da sua inteligência, força de vontade, espírito empreendedor ou pelo seu trabalho, conseguiram vencer nas artes, nas letras, na diplomacia, nas profissões liberais, no comércio, na indústria ou em muitas outras actividades, há evidentemente muitas centenas que não conhecemos e de quem, portanto, não poderíamos falar.

Há ainda muitos outros de cujas actividades não foi possível colher elementos biográficos o que evidentemente não significa que tivessem ficado esquecidos.

De resto, não tivemos nem podermos ter a pretensão de seleccionarmos valores, nem tão poucos.

(Continuação na 10.ª página)

A Casa do Algarve

De entre as numerosas casas regionais existentes em Lisboa, julgamos poder afirmar que a nossa é das que maior prestígio desfruta na Capital e das que mais intensa actividade tem desenvolvida no sentido de corresponder aos fins para que foi criada.

Por isso, a «Casa do Algarve» não podia ter ficado esquecida no número especial que dedicámos aos nossos comprovianos residentes em Lisboa, embora em ligeiros apontamentos, mas cuja pequenez fica recompensada pela página que hoje inserimos, por só agora dispormos de tempo e espaço suficientes.

No artigo que aqui transcrevemos do «Diário Ilustrado», de 5 de corrente, e que é um resumo da história e actividades da «Casa do Algarve», faz-se referência aos seus primeiros dirigentes e aos que, ajudando-a, tornaram mais ampla e eficaz a acção desenvolvida pela nossa casa regional e por isso parecemos oportuno arquivar nestas colunas os nomes dos actuais membros da Direcção, que tanto se têm esforçado pelo progresso da colectividade e da nossa querida província e cujos principais cargos estão confiados aos srs.:

Major Mateus Moreno, Presidente da Direcção; Dr. Mau- rício Monteiro, Vice-Presidente da Direcção; Hermenegildo Neves Franco, 1.º Secretário da Direcção e Presidente da Comissão de Propaganda e Turismo; Dr. Humberto Pacheco, Presidente da Comissão de Assistência; Conselheiro Dr. João Bernardino de Sousa Carvalho, Presidente da Assembleia Geral; Dr. Domingos Garcia, Presidente da Comissão Cultural; Dr. João de Sousa Carrusca, Presidente do Conselho Superior Regional; Maestro Pavia de Magalhães, Presidente da Comissão de Festas; António Libânia Correia, Presidente do Conselho Fiscal; Arnaldo Martins de Brito, Vice-Presidente da Comissão de Festas; Bartolomeu Guerreiro, Tesoureiro da Direcção e Jerónimo Gregório Marcos, Secretário-Caixa da Comissão de Benefícios.

Assim, nos nomes dos actuais dirigentes da «Casa do Algarve», prestamos as nossas homenagens de congratulação pelos êxitos alcançados por quantos, desde 1930, se vêm esforçando por manter em Lisboa o «Lar do Algarvio».

A PRINCIPAL DIFICULDADE da Casa do Algarve:

— De 25 mil naturais residentes na capital, apenas 1.200 são membros da prestimosa instituição

Algarve, efectuou-se o II Congresso Regional do Algarve, com o qual se iniciou a grande campanha para a construção do monumento ao Infante D. Henrique em Sagres, reunindo-se, então, os primeiros elementos de convicção.

No campo da cultura, além de frequentes conferências — uma média de cinco por ano — e da publicação regular do Boletim Informativo «Algarve», estão editados os vários estudos algarvios: *Sagres e o Infante*, *Património Cultural Arábico-Algarvio*, *Portimão, S. Gonçalo de Lagos*, e *Do Olhão à Vila do Olhão da Restauração*. Está no prelo, *Tevideira Gomes e a reacção antinaturalista*, de Urbano Tavares Rodrigues.

Em 1952 foi prestada uma grande homenagem ao Dr. Júlio Dantas, sócio honorário da Casa, realizando-se uma exposição de toda a sua obra.

A biblioteca pode, também, considerar-se um dos mais valiosos serviços da Casa do Algarve. Tem catalogados mais de 2.000 volumes, com uma secção especial de autores algarvios.

Mas o grande trabalho realizado por esta prestimosa colectividade é, sobretudo, aquele a que podemos chamar «de rotina», sobretudo no que se refere à beneficência. Todos os algarvios necessitados que a ela recorram são atendidos.

ACÇÃO NO UTRAMAR — Começa a tomar incremento a influência da Casa do Algarve no Ultramar português. Existem já, filiais suas em Lourenço Marques, Manica e Sofala e Moçambique, as quais se mantêm fiéis ao espírito de unidade e regionalismo que a caracteriza a casa-sede.

ASPIRAÇÕES E OBJECTIVOS DOMINANTES — Promover, cada vez com mais eficiência, o desenvolvimento turístico da província e a defesa da economia agrícola do Algarve.

PRINCIPAIS DIFICULDADES — O reduzido número de

sócios (1.200) para a quantidade de algarvios residentes em Lisboa (25.000); a falta de aderência da juventude e os pesados encargos com licenças para as actividades associativas da colectividade.

PROXIMA ACTIVIDADE — Vai abrir brevemente a II Exposição Fotográfica de Motivos Algarvios, que reunirá mais de 200 trabalhos de 30 concorrentes.

SEDE — Todas as dependências da sede — biblioteca, sala de leitura, «bar», sala de jogos, salão de festas, secretaria e diversos gabinetes — se encontram decorados com motivos algarvios com predominância dos aspectos típico e histórico. As instalações estão arrendadas por 3.500.000

mensais.

Eis um pequeno resumo, nadinho em relação com a grandeza do mérito da actividade desenvolvida pela Casa do Algarve.

(Do «Diário Ilustrado»)

— — —

INSCREVER-SE SOCIO DA CASA DO ALGARVE É UM DEVER DE TODO O BOM ALGARVIO.

Engenheiro Sebastião Ramirez

qual foi seu Vice-Presidente em duas legislaturas.

Como Ministro do Comércio e Agricultura realizou obra notável, tendo sido um dos organizadores dos primeiros grémios, consórcios e institutos, criados em Portugal.

Promulgou as bases sobre o condicionamento da importação de óleos minerais e produtos desilados, etc.

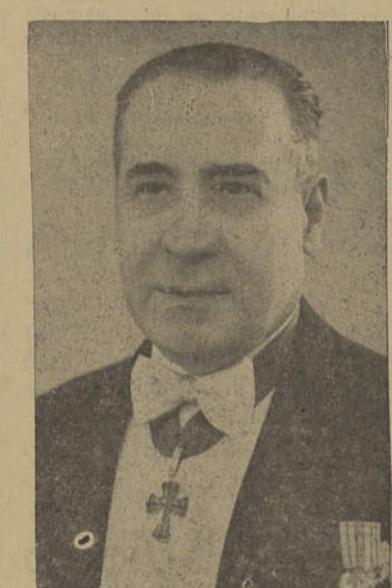
E agraciado com a grã-cruz da Ordem Militar de Cristo; grã-cruz de Isabel a Católica (Espanha), grã-cruz da Ordem de Leopoldo da Bélgica e grande oficial da Legião de Honra (França).

A sua grande dedicação à causa da Igreja, mereceu da Santa Sé, a alta distinção do grau de Cavaleiro da Ordem Equestre do Santo Sepulcro em Jerusalém e foi alvo de grande distinção pontifícia: Cavaleiro Grã-Cruz (Magna Crucis).

Parlamentar ilustre, que, em defesa dos altos problemas do Algarve que muito digna e intelligentemente representa, tem tomado posições de relevo, erguendo a sua voz, honra, sobremaneira, a sua província, servindo-a desinteressada e carinhosamente, onde gosa de elevado prestígio e onde o seu nome é respeitado.

MAJOR

Mateus Moreno



MATEUS MORENO: Escritor e oficial do Exército, nascido em Faro, em 29 de Setembro de 1892; de seu nome completo Mateus Martim Moreno Júnior.

Assentou praça em 1913, sendo promovido a alferes quatro anos depois.

Quando da primeira Guerra Mundial foi combatente em França, seguindo mais tarde para África.

Na unidade que ali comandou fundou um pequeno Museu Militar e o boletim «Escuteiro de Hullia».

A sua obra como Escritor, é constituída por trabalhos históricos e regionalistas, poesia e estudos técnicos de artilharia, tendo já publicado 12 livros.

Este nosso ilustre comprovianino foi um dos fundadores da revista literária — «ALMA NOVA» (1915), que durou até 1933, e da «Casa do Algarve», em Lisboa (1930), da qual é, desde há muitos anos, o seu dedicado e prestigioso Presidente.

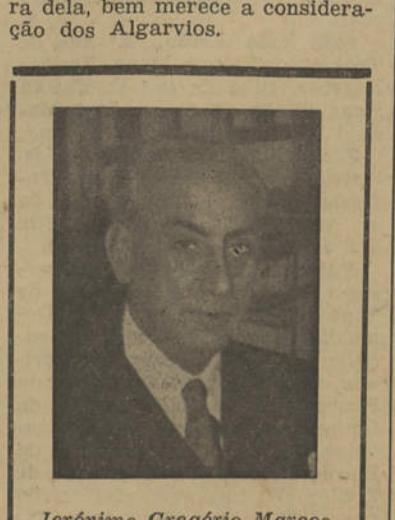
Conferencista e Jornalista dos mais brilhantes que o Algarve conta em Lisboa.

Desde 1952 preside à Direcção da «Casa do Algarve», com disvelado carinho e isenção, prestigilando-a com a sua Fé regionalista e suas excepcionais qualidades de trabalho e de amor ao seu natal.

Membro da Comissão Nacional das Comemorações Henriqueinas, como Representante da «Casa do Algarve».

Figura de relevo e de projecção no Regionalismo Nacional, considerado como um valor neste sector da vida nacional.

Pelas suas exuberantes qualidades de pioneiro do regionalismo algarvio e pela sua brilhantíssima acção em prol da sua Província, na Casa do Algarve e para dela, bem merece a consideração dos Algarvios.



Jerónimo Gregório Marcos

que estão em atraço com o pagamento das suas assinaturas muito agradecemos o favor da sua pronta liquidação, pois de contrário seremos forçados a suspender a remessa do nosso jornal.

Visado pela Com. de Censura



LOULE' EM LISBOA



Maria Campina

Distinta pianista e ilustre louletana

Tão grande é a colónia louletana nesta maravilhosa capital do Império Português que se nos torna impossível assimilar todos os valores e figuras de relevo que aqui trabalham e fixaram a sua vida. Para tão extenuante trabalho não só seriam precisas muitas folhas de papel de jornal, como levaria muito tempo e nem assim ficaria completo. No entanto, pelas figuras que procurámos focar, pode-se ter uma ideia do que Loulé conta em Lisboa.

Hoje, vamos falar de uma outra figura desta vila algarvia que há anos reside na capital. Trata-se de um valor na Música — a distinta e exímia pianista Maria Campina.

Terminado o seu curso de Piano, no Conservatório Nacional de Música, de Lisboa, com a alta classificação de 20 valores, em 1933, na classe do professor Valéria Cid, Maria Campina obteve, nesse mesmo ano, o prémio Rodrigão da Fonseca; o prémio do Conservatório e o prémio Rey Colaço.

São assim três prémios obtidos por mérito absoluto.

Um ano depois (em Maio de 1934) concorre ao prémio Beethoven instituído por Viana da Mota e ganha-o em brilhante concurso público, executando as difíceis sonatas 106 e 111 de Beethoven.

Com mais este prémio ficou detentora de todos os prémios do Conservatório.

Tem actuado nas seguintes Emissoras: Nacional, Rádio Clube Português, Rádio Renascença, Regional da Madeira, Rádio Nacional de Espanha e Rot-Weiss-Rot da Áustria.

Depois de ter frequentado em

A Casa do Algarve e o Natal dos algarvios pobres, em Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

Coronel Sande Lemos, Presidente Honorário da Comissão de Assistência.

O Rev. P. João Soares Cabeçadas fez uma prática antes de se proceder à entrega das consoladas aos necessitados algarvios, que receberam além de dinheiro, roupas, calçado e conservas.

Esta distribuição este ano atingiu a agradável importância de 18.000\$00, produto de donativos recolhidos dos algarvios ricos e remediados que quiseram que o Natal dos seus compatriotas mais necessitados fosse mais alegre e consolador.

Digna de realçar a ação desenvolvida pela Comissão de Beneficência a que preside uma boa algarvia — o nosso conterrâneo Dr. Humberto Pacheco.

Honra lhes sejam a todos os que nesta Campanha interviram.

Por 7\$50 semanais

Pode V. Ex.º adquirir um ferro eléctrico automático na casa José Guerreiro Martins Ramos — Rua de Portugal, 29 — Loulé.

Boas Festas

Tiveram a gentileza de endereçar cumprimentos de Boas Festas ao nosso jornal, o que penhoradamente agradecemos as seguintes entidades:

Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, Chefe e funcionários da P. I. D. E., Direcção da «Casa dos Rapazes», Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva, Sociedade Filarmónica União Marcial Pacheco, Conselho de Administração da CIESA, e os srs. Dr. José António Madeira, Hermenegildo Neves Franco, Hermano do Nascimento Baptista, Modesto Leal Viegas, Joaquim Lobo de Miranda, Trigueiros, Arnaldo Martins de Brito, José dos Santos Stockler, Jaime Murtéira, Joaquim Correia de Brito, António Bengalinha Marum e a sr. D. Joaquina de Sousa Ramos.

Pedimos

a todos os nossos assinantes residentes no estrangeiro, Ultramar ou localidades onde também não há serviço de cobranças, a especial fineza de nos remeterem a importância das suas assinaturas, o que desde já muito reconhecidamente agradecemos.

Eng-sivicultor

Manuel Gomes Guerreiro

O Eng.º Manuel Gomes Guerreiro, que na sivicultura portuguesa tem lugar destacado é, louletano de gema.

Conferencista distinto que, integrado no ciclo «Estudos Económicos e Sociais», tem proferido no País inúmeras conferências sobre os Serviços Florestais e Aquícolas, salientando-se, dentre elas, a que proferiu em Abril de 1954 na nossa «Casa Regional» sobre o tema: «O Ordenamento agro-profissional da Província do Algarve».

Tem elaborado notáveis estudos sobre a arborização do Algarve.

Perito exuberante na matéria de sivicultura portuguesa, da industrialização e comércio dos frutos secos do Algarve e da valorização dos sapais.

É funcionário superior da Drecção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas.

Maria Odete Leonardo da Fonseca

(Continuação da 6.ª página)

num Almanaque do Algarve), como organizando «Horas de Arte» sobre o folclore, as belezas e a poesia do nosso lindo e encantador Algarve.

Afirmou-se também uma distinta jornalista.

Foi uma das figuras da colónia algarvia em Lisboa, que maior impulso deu à ideia de fazer confraternizar nesta cidade, os antigos Mestres e Alunos do Liceu de Faro, agitando, assim, o seu sonho de que o nome de João d. Deus voltasse ao Liceu que ela frequentou.

Em 1951, a convite da Câmara Municipal de Olhão, realizou nessa Vila uma Conferência, registando-se uma das maiores encherias na Sala da Recreativa Progresso Olhanense.

Em 1958, como distinta olhanense que é, e admiradora dos heróis seus conterrâneos, lançou a ideia de se comemorar em Lisboa os: «50 ANOS DE OLHAO», realizando-se essas festas com farta concorrência da colónia olhanense da Capital e arredores.

Muito considerada na «Casa do Algarve», da qual é membro do Conselho Superior Regional e também das Comissões Culturais e de Beneficência.

Indústria de panificação

(Continuação da 10.ª página)

Desde que deixa de haver padarias, caseiras, o pão passa a ser fabricado com todos os preceitos higiênicos, como era de desejável, pois os operários são sujeitos a inspecções médicas periódicas e a fiscalização incide sobre as farinhas e as massas, assim como sobre a marcha do fabrico e tem várias exigências, para que o pão saia sempre saboroso. Nas grandes padarias de Lisboa e Porto e náquelas que resultam de concentração de unidades分散, como já existem algumas cidades, vilas e aldeias do Algarve, a lei exige a existência de uma câmara de fermentação, para que esta operação seja feita num período de tempo determinado e, daí, resulte um pão mais saboroso, que o público come com muito mais agrado.

No que respeita à concentração da indústria de panificação acima referida, iniciada com a publicação do decreto n.º 31.545, de 30 de Setembro de 1941, o recente dec.-lei n.º 42.477, vem apoiar a ideia primitiva, exigindo até para elas, os mesmos requisitos que a lei exige para os estabelecimentos das grandes cidades — dando-lhes, porém, como compensação, que os estabelecimentos a montar de novo só o possam fazer, nas aldeias, quando estejam situados além de 5.000 metros dos que já existem.

Na administração das sociedades por quotas das concentrações de padarias verificam-se, por vezes, dificuldades, resultantes da falta de preparação contabilista e jurídica dos associados.

Jacqueline dos Santos Simões, instrução primária: «Prémio Professor Cabrita da Silva», filha do sr. António Martins Simões e da sr. D. Ana de Sousa Santos.

Fátima Maria de Brito Guerreiro, filha do sr. Joaquim de Sousa Guerreiro e da sr. D. Domicilia Correia de Brito e Joaquim Manuel Matinhos Pencarinha, filha do sr. Joaquim Correia Pencarinha e da sr. D. Maria da Conceição Matinhos, ambos finalistas do Ciclo Preparatório da Escola Industrial e Comercial de Loulé: «Prémio especial criado para 1959 pelo sr. Governador Civil de Faro».

Augusto Maria

Domingues Bolotinha

Augusto Maria Domingues Bolotinha é, entre os muitos valores louletanos na Capital, o mais novo.

Filho do nosso amigo e dedicado colaborador deste jornal, sr. Augusto César Bolotinha, está a singrar no campo artístico que abrangou, de maneira notável, merecendo da crítica elogiosas referências.

Dentro do seu ambiente artístico de redutor-plástico maquetista, tem realizado trabalhos de exuberante valor, firmando-se como uma artista de grandes qualidades, prevendo-se que a sua carreira atinja uma craveira de primeiro plano, como é de justiça esperar-se.

Muitos têm sido já os trabalhos que este jovem artista tem apresentado em público.

Ultimamente — e isso deve encorajá-lo de brio profissional e de satisfação para seus pais — foi encarregado de elaborar a maquete do Jardim-Escola do João de Deus, que se pensa construir na capital algarvia.

Além deste, outros trabalhos tem sido encarregado de fazer.

Num meio ingrato para as Artes como é o de Lisboa, «considera-se uma lâmpada em África» a operante actividade desenvolvida por tão simpático jovem louletano.

Apetecemos-lhe as maiores felicidades na carreira que, para honra do Algarve, já ocupa hoje posição bem marcante.

(—)(—)(—)(—)(—)(—)

O ALGARVE e os descobrimentos

O Instituto de Alta Cultura ofereceu à Junta de Turismo de Quarteira, os 2 volumes do «ALGARVE E OS DESCOBRIMENTOS», da autoria do Dr. Alberto Iria Júnior, Director do Arquivo Histórico Ultramarino. Repositório dos principais factos sociais e económicos do Algarve, na Idade Média e Moderna, muitos deles encontrados pelo seu autor na Torre do Tombo, livros das relações municipais algarvias, etc., merecendo ser lido por todos os que se interessam pelas actividades dos nossos antepassados.

Parecia que, neste caso, o Grémio dos Industriais de Panificação, devia chamar os sócios e orientá-los sob o ponto de vista legal e moral, e dentro desta orientação, evitar que as leis das sociedades por quotas possam ser sofismadas. E isto não é difícil, porque os Grémios possuem todos os elementos para bem se desempenharem desta missão.

Um dos problemas que torna mais difícil a vida das industriais de panificação nas aldeias é a concorrência desleal que umas fazem às outras, vindo os de uma freguesia vender pão a outras freguesias. Ora, isto pode ser evitado, por resolução do Conselho Geral dos Grémios de Panificação, ao abrigo da sua lei orgânica. Já sucede isto mesmo nas áreas dos Grémios da Panificação de Lisboa e Évora, parecendo que o de Faro caminha para lá.

Em resumo: o decreto-lei n.º 42.477, acima referido, se, por um lado, veio dar liberdade de montagem às novas indústrias de panificação, veio, por outro lado, dar-lhe talas exigências que, sómente de uma completa união de esforços e entendimentos, os pequenos capitais nelas empregados poderão tirar algum lucro — e não sossobrar.

Têm a palavra os homens de boa-vontade.

Como muito bem disse o senhor Secretário de Estado do Comércio, num dos seus recentes discursos, o pior inimigo do pequeno comerciante ou industrial, é o pequeno comerciante ou industrial vizinho — do lado.

A. P.

António Pedro
Advogado.

Em LOULE'
a partir de Janeiro de 1960

Rosa Soares Cabeçadas

Nascida na freguesia de São Clemente (Loulé) em 22 de Setembro de 1914.

Fez a sua educação no Instituto Feminino de Educação e Trabalho, hoje denominado Instituto de Odivelas.

Em 1937 começou a sua vida profissional dando entrada no Ministério da Marinha por meio de concurso de provas públicas.

Em 1943 concorreu ao Ministério da Educação Nacional, onde ingressou na categoria de aspirante. Sempre por meio de concursos ascendeu à categoria de primeiro oficial e desde 1949 que foi chamada a prestar serviço no Gabinete de Sua Ex.º o Ministro da Educação Nacional.

A par da sua vida profissional tem servido a Igreja nos quadros da Accção Católica.

Em 1937 ingressou na JOCF, e apaixonou-se por esse movimento salvador da juventude operária, nascido no coração da Bélgica sob o impulso dum alma sacerdotal — Padre Cardoso — que soube compreender e amar a juventude operária que cada vez se afastava mais da Igreja.

Na JOCF desempenhou os cargos de presidente de secção, presidente local, presidente diocesana do Patriarcado, tesoureira e secretária geral.

Em 1950 deixou a JOCF para passar à LOCF e aqui também tem passado por todos os planos, desde a secção até ao plano nacional, pois exerceu durante 4 anos o cargo de Presidente Geral.

Colaborou nos jornais e folhas de estudo dos referidos organismos, orientou dezenas de cursos de formação no Patriarcado e nas diferentes Dioceses, promoveu colónias de férias e passeios, na ânsia de ajudar a salvação da família operária.

Tem procurado servir dentro da sua capacidade — Deus, a Pátria e a Família.



TRINCHEIRA AQUÁTICA

A marca que se impõe em todo o País.

As melhores criações da moda em tecidos de alta novidade, para

Preços especiais para revenda

Representante em Loulé.

João Martins Rodrigues

Av. José da Costa Mehalha, 41

VINHOS

MURTA

Garantia de qualidade

TERRENO

VENDE-SE terreno para construções, na Avenida José da Costa Mehalha.

Informa este jornal.

A Casa Vargas

AGRADECE A GENTILEZA

DA PREFERÊNCIA COM QUE

FOI DISTINGUIDA PELOS

SEUS ESTIMADOS CLIENTES

DURANTE O ANO DE 1959 E

DESEJA-LHES AS MAIORES

VENTURAS PARA 1960.

LOULE

Não se interroge

SEMPRE que necessite de trabalhos tipográficos em qualquer género, deve confiá-los à

Gráfica Louletana — Loulé.

—

Máquinas modernas

Tipos novos e elegantes

Meticulosa execução

O ALGARVE EM LISBOA

Marisabel Xavier de Fogaça

Natural da freguesia de Mexilhoeira Grande — Portimão.

Fez os seus estudos em Faro. Há 19 anos que iniciou a actividade literária com o livro de contos «Amendoeiras em Flor».

A obra até hoje tem 32 publicações afora a colaboração em grande parte dos jornais do País, continente e ultramar, nomeadamente em Luanda no «Comércio» e «Tribuna Literária», da Província de Angola.

Foi funcionária do Estado durante 11 anos. Vive em Lisboa há 18. Viveu 3 anos em África donde regressou há 4 meses para vir ocupar o lugar de secretária da Administração na firma NOCAL em Lisboa onde se encontra presentemente. (Nova Empresa de Cervejas de Angola). Em África teve sempre a sua vida profissional de empregada, e um programa no Rádio Clube de Angola sobre mulheres ilustres, falando sempre do Algarve e ALENTEJO — as duas províncias irmãs e dos seus valores.

Também no Continente realizou algumas conferências nos Centros da FNAT.

Apesar de nunca ter publicado versos, visto que o livro que se anuncia ainda não saiu, contudo tem em variadíssimos programas da rádio sido declamados poemas da sua autoria.

Damos a seguir a descriminação das obras vindas a lume — algumas delas já esgotadas — que bem patenteia a opulenta actividade literária da nossa ilustrada compatriota:

«A Plebeia com alma de Rainha»; «Destinos»; «Eu não sabia...»; «O segredo de Tervangue»; «Pequenina!...»; «Negrita de olhos verdes»; «Almas sem Deus»; «Um marido... a presta-



Francisco Camarada
Martín

Outro filho directo da sotaventina Vila Real de Santo António que, na capital, pelos seus méritos e qualidades de trabalho venceceu.

Concluído o seu curso liceal em Faro no ano escolar de 1931/1932, frequentou um Curso Universitário no Porto e Lisboa.

Nesta última cidade fixou a sua residência em 1942, integrando no quadro administrativo da Comissão Reguladora do Comércio de Metais.

Desde 1947 que exerce a profissão bancária no Banco Português do Atlântico onde, depois de uma carreira relativamente rápida, ascendeu ao lugar que hoje ocupa de Secretário da Administração deste conceituado estabelecimento de crédito.

Brilhantíssima, a sua carreira profissional, obtida por mérito próprio e pelas suas exuberantes qualidades profissionais, qualidades essas, muito apreciadas e que valorizam imenso a sua personalidade de Bom Algarvio que é.

Manifesta pela sua terra natal um carinho muito especial, acompanhando com muito interesse, o desenvolvimento da pomboalina Vila Real de Santo António.

Votado à causa do Desporto, exerceu vários cargos directivos, sendo o último que lhe conhecemos, o de Presidente da Direcção do Clube Desportivo do Banco Português do Atlântico, que há pouco deixou.

Entre a colónia da sua Província é muito estimado e considerado.

Contos:
«Amendoeiras em Flor»; «Lei de Deus»; «Psxiu... Jesus vai contar»; «História Maravilhosa do Pastor Mineiro»; «História Maravilhosa do Príncipe Pastor»; «A Vingança de Merty»; «Escutem... que vou contar»; «A Princípessa Bago de Milho»; «A botina do Tio André»; «A Força dos Fracos» e «Assim nasceu o Algarve...».

L. S. P.

Actividades da Casa do Algarve

A Direcção da Casa do Algarve deliberou:

Saudar o deputado pelo Algarve, sr. coronel Sousa Rosal Júnior, pela sua intervenção, na Assembleia Nacional, a favor da solução de vários problemas da economia algarvia, dentre os quais os da alfarroba;

Felicitar o escritor sr. Dr. Jaime Cortesão, pelo invulgar brilho da sessão da Casa do Algarve em que foi proferida a sua recente conferência sobre o Infante D. Henrique;

Registrar os donativos de 1.000\$00 e 10.000\$00, feitos, respectivamente, pelos srs. major Nascimento Moura e António Líbano Correia, a favor da construção, em Faro, de um Jardim Escola João de Deus;

Louvar a Comissão de Beneficência da agremiação e o seu grupo de protectoras assistentes, na pessoa do respectivo presidente, sr. Dr. Humberto Pacheco, pelo êxito do último «Auxílio do Natal» distribuído aos algarvios necessitados residentes em Lisboa, num montante que excede vinte mil escudos, incluindo dinheiro, roupas, calçado, agasalhos e conservas;

Convidar o erudito investigador infantista, sr. Dr. Alberto Iria, vogal da Delegação do Algarve para as comemorações henriquinas, a realizar uma conferência na Casa do Algarve sobre o tema: «Sagres, a Vida do Infante e a Ermida de Nossa Senhora de Guadalupe».

José Campos Rodrigues

Este nosso conterrâneo, conciliado comerciante da praça de Lisboa, nasceu em 1901, contando hoje 58 anos.

Desde muito novo tem feito sempre a vida do comércio, pois que também os seus pais foram comerciantes.

Em 1936, empregou-se como viajante e colaborador da firma, quase secular, que nessa data era dos mais antigos Armazéns de Fazendas do País — «VAL DO RIO & C.» na Rua dos Douradores, n.º 69 e Rua da Vitória, n.º 20, em Lisboa.

Em 1944, oito anos depois, na qualidades de empregado antigo



da firma e sabendo que os proprietários da mesma desejavam abandonar a vida comercial, este nosso amigo propôs-se negociar a aludida casa comercial e tomar conta dela.

E assim, com um grupo de amigos, hoje seus sócios, tiveram o referido Armazém de Fazendas, a quem deram a denominação de: ARMAZENS VAL DO RIO, Ltda., ainda situada no mesmo local e um dos mais acreditados do País, estendendo as suas transacções não só pelo Continente, mas também para as Ilhas Adjacentes e todas as nossas Províncias do Ultramar.

Toda uma vida ao serviço do comércio é, aquela que o nosso prezado conterrâneo José Campos Rodrigues tem levado, desde que deixou a sua Loulé.

É grande o prestígio que gosa nos meios comercial e bancário da Capital.

L. S. P.

Joaquim António Nunes

Portimonense de gema, muito dedicado às letras, levou-o a escrever monografia sobre a sua terra, a nôvela cidade algarvia — Portimão.

O estudo deste algarvio das lendas e hipóteses sobre a origem da cidade, a sua história e a sua evolução social, cultural, económica, política, eclesiástica e turística, tudo foi aprofundado com cuidado e amor, merecendo o seu trabalho ser editado pela Casa do Algarve.

O nosso compatriota Joaquim António Nunes dá-nos, ao lado de informações sobre antiguidades ilustres e de factos que constituem o panorama espiritual da sua terra, dados estatísticos minuciosos sobre a vida de um dos mais importantes centros urbanos piscatórios e industriais do Algarve.

Funcionário muito competente da Administração do Porto de Lisboa, onde desempenha, há muitos anos, as funções de fiel de Armazém, é, entre a grande colónia algarvia em Lisboa, um elemento de valor.

Jornalista, pois contam-se muitos trabalhos seus publicados na Imprensa diária e periódica.

Na sua «Casa Regional» tem, por várias vezes, desempenhado diversos cargos directivos.

L. S. P.

Emilio Campos Coroa

MEDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS

CONSULTAS EM LOULE

NO CONSULTÓRIO DO DR. JORGE DE ABREU

às 2.ª e 5.ª feiras, a partir das 13.30 horas.



José Barão

Um vilarealense que, pela sua vincada personalidade, tem grandeza merecidas simpatias e é largamente considerado em Lisboa, tanto no jornalismo, profissão que abraçou de muito novo com grande entusiasmo, como no convívio social, sendo um dos mais conhecidos e populares algarvios entre a nossa colónia na Capital.

Muito novo ainda dirigiu em Vila Real de Santo António o jornal «Os Novos», fixando depois residência em Lisboa onde trabalhou para vários jornais antes de se empregar em «O Século», de que é hoje um dos mais antigos e considerados redactores, como o prova o facto de ser habitualmente designado para fazer as reportagens das visitas ministeriais e das mais importantes cerimónias oficiais.

Uma vida inteiramente consagrada ao jornalismo profissional, sem nunca esquecer a sua sempre querida terra natal — Vila Real de Santo António — e o seu Algarve, de cujos interesses e aspirações tem sido um acérrimo e intransigente defensor.

O seu amor à sua e nossa província levaram-no a fundar, há 3 anos, na ridente e progressiva vila pomboalina, o excelente semanário «Jornal do Algarve», que dirige com superior critério e grande entusiasmo, apesar dos múltiplos afazeres da sua vida profissional em «O Século».

Assim, graças ao seu espírito de iniciativa e dinamismo, a imprensa algarvia conta com um jornal que muito a honra no País e tem sido um forte baluarte na integerrima defesa dos seus legítimos interesses.

Por mais de uma vez tem sido membro de direcções da Casa do Algarve, em cujas actividades se tem feito sentir o seu espírito empreendedor, outrora acontecendo na «Casa da Imprensa» de cuja direcção é membro.

Um digno representante do Algarve na Capital.

J. B.

NÃO COMPRE

Motores Eléctricos, Diesel e a Petróleo

sem primeiro visitar o

S T A N D

de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

» LOULE

AVISO

Para os devidos efeitos se informa que, por despacho de 1 de Novembro de 1959, de S. Ex.º o Ministro das Corporações e Previdência Social, foi alargado o âmbito da Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio, na modalidade de Abono de Família e com efeitos a partir da data do despacho, a todas as empresas do distrito de Faro que já se encontram abrangidas em Previdência.

O montante das contribuições mensais deverá ser calculado à taxa de 20,5% sobre o total dos ordenados ou salários pagos, discriminada da seguinte maneira:

Empregados ou assalariados 5,5%

Entidade patronal 15%

Não obstante a Caixa ir remeter às empresas as necessárias instruções, todos os pedidos de esclarecimentos à sede da Caixa, serão prontamente satisfeitos.

Lisboa e Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio, 2 de Janeiro de 1960.

O Presidente,
(a) Alberto Monteiro

CONVERSANDO

com Maria de Fátima Bravo

UMA ARTISTA ALCARVIA



mas notas biográficas de um dos mais novos valores algarvios do Cinema, da Rádio e da Televisão, nome já conhecido dos palcos e bastidores dos nossos teatros e «boites», a lacobiense Maria de Fátima Bravo, de seu nome completo — Maria de Fátima Bravo Santos.

Nome que, pelas suas qualidades de trabalho honesto e desejo de vencer, conquistou o público lisboeta, pois que Maria de Fátima Bravo tem já o seu público.

Nascida no mês de Março, a 13 de Maio na cidade de Lagos, logo a sua inclinação para a Arte se manifestou aos 9 anos, recitando e cantando em Festas de família.

Depois de ter feito o seu 5.º ano liceal em Lagos, veio para Lisboa acalentando o seu grande sonho de: ingressar nas Belas Artes, sonho que não viu realizado devido a ter falecido seu pai.

A vida em Lisboa era dura e sem o apoio do seu maior sustentáculo, que era o seu progenitor, teve de empregar-se, conseguindo-o num Laboratório. Com vocação para o desenho, fez desenhos animados, foi dactilógrafa, telefonista e arquivista e, por fim Tesoureira.

A luta a que se entregou para garantir o seu sustento e de sua

(Continuação na 9.ª página)

Maria Keil do Amaral

D. Maria Keil do Amaral é de Silves, filha de industriais corteiros, ligada por laços matrimoniais ao distinto Arquitecto Francisco Keil do Amaral.

Depois de ter tirado o curso na Escola Industrial de Silves, onde foi aluna do Mestre Samora Barros, veio para Lisboa em 1928, matriculando-se nas Belas Artes, onde cursou desenho e pintura com elevada classificação. Após o curso em 1933, dedicou-se à pintura, arte que sempre a entusiasmou, levando-a a expor em exposições individuais, no S. N. I. e nas Belas Artes, os seus primeiros trabalhos — 1936-42.

Animada pela crítica vai mais longe, entrando nos domínios da azulejaria e decoração de móveis, alcançando triunfos sobre triunfos.

O Algarve deve sentir-se orgulhoso por contar no número dos seus filhos, valores do qualite de a nossa compatriota D. Maria Keil do Amaral.

fos, nas exposições na «Galeria de Arte», «Pórtico», à Rua da Misericórdia.

É um nome consagrado, tanto na pintura como nos azulejos desenhados e móveis artísticos.

Maria Keil, admirável pintora, desenhando azulejos veio dar um inestimável contributo às artes decorativas portuguesas.

Angola sentiu também o seu valor artístico, quando expôs em Luanda, em 1955, merecendo da Imprensa angolana as mais elogiosas referências, o que lhe valeu ter ali vendido todos os seus trabalhos.

O Algarve deve sentir-se orgulhoso por contar no número dos

seus filhos, valores do qualite de a nossa compatriota D. Maria Keil do Amaral.



União de Camionagem de Carga, Limitada

LOULE

Transportes de Carga para todo o País

Rua Padre António Vieira

Telefones 22 e 140

LOULE

Delegação em LISBOA

Rua dos Douradores, 1 e 14 Telef. 368788



KNITAX

a MÁQUINA DE TRICOTAR de fama mundial e a única premiada com MEDALHA DE OURO

Sem peso nem réguas; o trabalho não encolhe nem deforma; assenta

ALGARVE EM LISBOA

Maria Odete Leonardo
da Fonseca



A Prof. Dr. D. Maria Odete Leonardo da Fonseca, algarvia de gema e olhanense cem por cento, dotada de um espírito cintilante e bastante culto, é uma das algarvias que muito honra a sua Província, nesta granítica Lisboa.

Depois de ter feito o seu curso liceal, em Faro, veio para a capital frequentar a Faculdade de Letras, onde em 1941-42 se licenciou em Filologia Clássica.

Exerceu até há pouco o seu munus no Ensino Liceal, em Lisboa, fomentando nas classes que regia o gosto pela literatura e pelo jornalismo, levando as alunas a redigirem jornais escolares e a comporem versos e diálogos para interpretarem nas suas festas.

Esta distinta algarvia, enquanto universitária, fez palestras na Emissora Nacional, organizando «Uma Hora de Arte Algarvia» na Faculdade de Letras, de colaboração com outro algarvio, o musicólogo e compositor João Nobre, ao tempo seu colega de curso.

Dum dinamismo exuberante, a sr. Dr. D. Maria Odete Leonardo da Fonseca, planeou e executou um programa dedicado a Olhão, sua terra natal, na rubrica da Emissora Nacional - «CONHEÇA A SUA TERRA».

Em 1948, as suas actividades culturais tornaram-se mais operantes, em colaboração com a Casa Regional Algarvia, ora pronunciando palestras e conferências e promovendo homenagens, como a da Compositora Algarvia D. Mariana Pacheco Soares (de cuja figura já se tinha ocupado

(Continuação na 4.ª página)



Mesmo pelo telefone (216)

V. Ex.ª pode encomendar á

GRAFICA LOULETANA

Todos os impressos de que necessite, na certeza
DE QUE SERÃO EXECUTADOS COM

PERFEIÇÃO — ECONOMIA — BOM GOSTO

ROBERTO NOBRE

Na colónia algarvia em Lisboa conta-se também com uma figura bem conhecida nas Artes e nas Letras e com posição marcada: Roberto Nobre, de seu nome oficial José Roberto dias Nobre. Dilecto filho de S. Brás de Alportel onde nasceu em Março de 1903.

Jornalista, pintor e escritor e conferencista, sendo um dos nossos mais autorizados críticos do Cinema, proferindo belas palestras e conferências, todas elas de marcado relevo na Arte Cinematográfica, em Coimbra e Porto e na Casa do Algarve, em Lisboa.

Ainda sobre o Cinema, Roberto Nobre escreveu o livro «Horizontes do Cinema» em 1939, e entre outros, diversos ensaios, «Shakespeare e o Cinema», em 1941.

A sua garra de escritor não parou aqui, pois que, em 1945 escreveu o livro: «Crítica e Autocrítica em Eça de Queirós», (livro do Centenário) e, logo um ano depois, atirava para os escaparates das livrarias, com «Fundos», merecendo elogiosas referências da crítica.

No jornalismo, os seus trabalhos, na sua maioria, estão na base da crítica de Arte e Cinema, colaborando com assiduidade em inúmeros jornais de Lisboa e Porto e em muitos outros e revistas no estrangeiro.

Teve a sua carreira jornalística o seu começo nos jornais «Correio do Sul» e «Correio Olhanense» e ainda na «Batalha e seu Suplemento Literário.

Como pintor e sobretudo ilustrador de livros, marcou lugar entre os primeiros, em especial, no desenho de capas de inúmeras obras editadas em Portugal.

Sem dúvida, Roberto Nobre é um algarvio possuidor de uma cultura muito distinta que, dentro das suas exuberantes actividades artísticas e profissionais, bem honra a Província que o viu nascer.

Nós que o conhecemos nas trincheiras do «Correio Olhanense» e que, a partir de então, nos habituámos aos seus belos escritos em várias publicações, ficámos a ver em Roberto Nobre, o Mestre que muito apreciamos e admiramos.

Exerce, desde há muitos anos, funções de chefia na importante Companhia de Máquinas de Costura «SINGER», na capital.

MONS. DR. SEZINANDO OLIVEIRA ROSA

Secretário Geral da Acção Católica de Portugal



tente Diocesano da Acção Católica e de outras Obras no Algarve e em Lisboa.

Actualmente desempenha as funções de Secretário Geral da Acção Católica, para que for nomeado em 17 de Setembro de 1953.

Jornalista experimentado e de fino quilate, dirige o «Boletim da Acção Católica Portuguesa», onde colabora, assim como em quase todos os órgãos da A. C. P.

Também, quando no Algarve, colaborou assiduamente na «Folha do Domingo», de Faro.

Tem desempenhado honrosas missões no estrangeiro, possuindo menses honrosas do Ministério de Interior pela sua participação na Comissão Executiva do Encerramento do Ano Santo e Congresso da Mensagem da Paz.

Também tomou parte em vários Congressos, em especial, no Congresso Mariológico Luso-Espanhol, realizado em Fátima, em Junho de 1944, onde apresentou a tese: «A devoção do Coração Imaculado de Maria, em Portugal».

Recentemente foi, pelo Santo Pontífice, o Papa João XXIII, elevado à dignidade de Monsenhor.

Joaquim Vinhas Cabrita

JOAQUIM VINHAS CABRITA, industrial, comerciante e proprietário muito considerado no meio social do País, possuidor de notáveis qualidades de trabalho e de iniciativa.

A sua Albufeira, donde é natural, deve-lhe imenso, sendo esta prestigiosa figura de Algarvio, uma das suas maiores razões do progresso turístico de que Albufeira vem assistindo; sendo de salientar a arrojada iniciativa de ali, nessa maravilhosa instância balnear, construir um Hotel, considerado um dos melhores do País, e será muito brevemente inaugurado.

Conceituado banqueiro na Capital, presentemente desempenha as funções de Administrador do Banco Português do Atlântico e de Membro do Conselho Fiscal do Banco Comercial de Angola.

Figura de grande prestígio e um grande amigo do seu Algarve ali investindo os seus capitais para o valorizar.

VINHOS
MURTA
Garantia de qualidade
Leia e assine
«A VOZ DE LOULE»

Dr. Garcia Domingues

Dr. Garcia Domingues (José Domingos Garcia Domingues) da seu nome inteiro, nascido em Silves, tirou o curso liceal no João de Deus em Faro, licenciando-se depois em Ciências Históricas e Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa, em 1932.

Nomeado professor no Liceu de Faro, em 1933, onde revelou excelentes qualidades de pedagogo, foi chamado para exercer o cargo de Inspector Orientador do Ministério da Educação Nacional, de onde transitou, mais tarde, para Coordenador da actividade do Laboratório de Psicologia Experimental da Faculdade de Letras de Lisboa, cargo que ele desempenhou, simultaneamente, com o do Instituto de Orientação Profissional.

Depois, voltou novamente à actividade pedagógica, como professor de História e Filosofia no Ensino Secundário.

Foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura para investigações de História Luso-Arabe, de que é considerado Mestre Distinto.

Membro do Instituto de Arqueologia, História e Etnografia.

Participou no 1.º Congresso Nacional de Filosofia, sendo por isso, membro fundador da Sociedade Portuguesa em Constituição.

Presidente da Comissão Cultural da «Casa do Algarve» onde tem feito obra notável, com a realização de Conferências e Sessões de Arte e Cultura.

No jornalismo, a sua actividade tem sido bem notória, pela sua vasta colaboração dispersa em vários jornais, tais como: «Novidades» e «Diário Popular».

Como escritor, a sua bibliografia é já vasta e, pelo valor das obras publicadas, se mede bem a craveira literária de tão ilustre Algarvio.

Mário Fernandes Piloto

MARIO FERNANDES PILOTO, natural da pombalina Vila Real de Santo António, cedo veio residir para Lisboa.

Há cerca de 35 anos que exerce actividade bancária, tendo transitado do Banco Português do Continente e Ilhas para o Banco Português do Atlântico quando da integração do primeiro no último.

Profissional competente, desempenha presentemente o cargo de Sub-diretor deste importante estabelecimento bancário, a que ascendeu por mérito próprio.

Nesta numerosa família algarvia em Lisboa, que consiste numa das maiores colónias aqui existentes, este nosso compatriota ocupa lugar de relevo, estando o Algarve de parabens por saber que este Bom vilarelense honra a terra que o viu nascer.

Refrigerantes

Trespassa-se pequena fábrica com utensílios, de C. S. Guerreiro.

LOULE —

Mariac Dimbla



Muitos poucos a conhecem no Algarve, no entanto, é um valor algarvio, em Lisboa.

Mariac Dimbla, de seu nome oficial Maria do Carmo Dias Monteiro de Barros, nascida em Faro, terra de sua mãe, numa casa chamada «o Jardim», a 21 de Setembro, dia de S. Mateus.

Esta nossa compatriota é filha do industrial de moagem, Pedro António Monteiro de Barros e de D. Rita Dias Monteiro de Barros.

Maria Dimbla veio para a Capital do Império Português a quando do armistício da 1.ª Guerra Mundial, onde estudou português e outras línguas.

Com o curso da Escola Artur Ravara, fez tirocinio nos Hospitais Civis de Lisboa, onde aprendeu sobre preparações e a reacção de Khan, com o Dr. Sebastião Lazo Garcia, de Sevilha. Tirou também o Curso de Língua e Literatura Francesa no Institut Français.

No campo jornalístico, desde muito nova, iniciou a sua carreira brilhantíssima, tendo sido Secretária de Redacção nas Edições «Mirage» e na Revista de «Turismo».

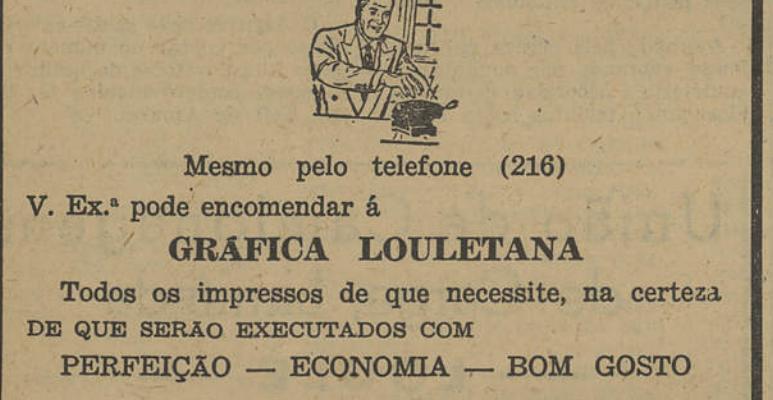
Dirigiu os serviços de «copyright e distribuição», da União Portuguesa da Imprensa, sendo actualmente correspondente das Agências Noticiosas estrangeiras «Apl» do Rio de Janeiro; «Meypress» de Copenhague e da «Pictorial Press» de Londres.

(Continuação na 9.ª página)

P R É D I O

Vende-se um prédio acabado de construir, na Rua Frei Joaquim de Loulé (Campaña de Cima) com 6 divisões e varanda.

Trata na mesma rua com António Maria de Sousa Graça (horta de António Serafim).



Sociedade Portuguesa Cavan

Postes de betão armado
Manilhas de betão
Colunas de iluminação
Mosaicos de granulados de mármore

ESCRITÓRIOS
Rua de D. Estefânia, 94-A
Telefones 47812 — 50129
LISBOA-1

FÁBRICAS
CONTINENTE
S. TA IRIA DE AZOIA - OVAR - FARO
Tele. 059085

ULTRAMAR
MACHOA — Lourenço Marques
Caixa Postal 1747

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Janeiro
Em 6, a menina Deonilde Moraes Martins e o sr. Sebastião Mendonça, residente em Faro e a sr. D. Maria José Rocha Carapeto Silva Pereira.

Em 8, a menina Maria Helena Correia Contreiras e o menino José Manuel Sousa do Nascimento.

Em 9, a sr. D. Laurinda da Ponte Gonçalves Madeira, residente em Vila Real de Santo António, os srs. Eleutério Gomes, e Daniel de Sousa Domingos, residentes em Lisboa.

Em 10, a menina Orlando Maria de Sousa Luís Ramos, a sr. D. Maria Josefina Guerreiro Rua Frade Lory e o sr. Francisco Andrade Ferreira.

Em 11, o sr. Sebastião Marçal de Castro.

Em 12, as sr. D. Zídia Costa Nordeste dos Santos Vaz, D. Maria Elizabete Mendes Estevens e D. Cândida de Brito Cecília, residentes no Palmeiral.

Em 14, a menina Maria Catarina da Franca Rodrigues Cebola e a sr. D. Lídia Modesta dos Santos Vaz.

Em 15, a sr. D. Maria Quitéria Ramos.

Em 16, os meninos António Vila-Lobos de Carvalho Santos e Carlos Alberto Simão Maia e a menina Maria Amélia Coelho Gula, residente em Grandola.

Em 19, o menino Aristides Leal Alho.

PARTIDAS E CHEGADAS

— De visita a sua família, esteve em Loulé o nosso prezado amigo e assinante sr. Tenente Orlando José Sequeira da Silva, que presentemente se encontra a prestar serviço no Grupo Divisório de Carros de Combate, em Santa Margarida.

— De visita a sua família, esteve em Loulé com curta demora o sr. Brigadeiro da Aeronáutica Ponte Rodrigues.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção, na companhia de sua esposa, o nosso prezado assinante e amigo sr. Adelino Eusébio Mendes, residente em Lisboa.

— Na companhia de sua esposa, a nossa conterrânea sr. D. Ana Guadalupe Campina, esteve alguns dias em Loulé o sr. Damião Guerreiro Fernandes Braga, residente em Guimarães.

— Partiu de avião para os Açores, o sr. Eng. José Maria Teixeira Farrajota Cavaco, Director da firma CONSIL — Centro Consultivo Químico Industrial, Lda., afim de inspecionar os trabalhos que aquela organização tem em curso nas Ilhas Adjacentes.

— Na companhia de seus filhos e esposa, a nossa conterrânea sr. D. Inácia Mendonça Reis e Sousa, esteve em Loulé com curta demora o sr. José Pesssoa Reis e Sousa, residente em Lisboa.

— De regresso de Timor, onde residiu cerca de 10 anos, encontra-se em Loulé acompanhado de seus filhos e esposa sr. D. Maria Fernandes Alves de Sousa Cachola, o nosso conterrâneo e prezado amigo sr. Manuel de Sousa Gonçalves Cachola.

PEDIDO DE CASAMENTO

Pelo sr. Adelino Francisco da Silva conceituado industrial nessa vila e esposa sr. D. Maria Tomaz Sequeira da Silva, foi pedida em casamento, para seu filho sr. Tenente Orlando José Sequeira da Silva, a sr. D. Letícia Isabel Mascarenhas Netto Cardoso, preendida filha do distinto advogado em Silves sr. Dr. João Rocha Cardoso, e de sua esposa sr. D. Letícia Adelaide Mascarenhas Netto Cardoso.

O pedido teve lugar em Silves no passado dia 23 de Dezembro, devendo o enlace realizar-se brevemente.

CASAMENTOS

— No dia 26 de Dezembro, realizou-se na Figueira da Foz o enlace matrimonial, da nossa conterrânea sr. D. Zélia Rico Santana, filha da sr. D. Fernanda Rico Santana e do sr. Virgílio Oliveira Santana, proprietário da «Garage Lisbonense» desta vila, com o sr. Eng. Reinaldo Homeiro Machado de Andrade, filho da sr. D. Maria do Céu Ferreira M. de Andrade e do sr. Aloisio A. Machado de Andrade, (ambos professores aposentados).

Parinifaram o acto, por parte da noiva, a sr. D. Isaura A. Pacheco e seu irmão sr. José Alves Pacheco e, por parte do noivo o sr. Dr. José A. de Oliveira e sua esposa.

Após a cerimónia foi servido um finíssimo e abundante copo de água no Hotel «Praia da Figueira da Foz», tendo o jovem

VINHOS



Garantia de qualidade

Vereações Municipais

1956/59

Terminou há pouco o seu mandato a vereação da Câmara Municipal de Loulé do quadriénio 1956-59, durante o qual foram tomadas importantes deliberações que se têm reflectido no desenvolvimento económico do concelho e terão decisiva importância para o seu futuro.

Foram seus componentes os srs. Amadeu Pedro da Cruz, Adelino de Sousa Ferreira, Filipe Leal Viegas, Joaquim Pedro Madeira, José Rosal Costa e Dr. Manuel Mendes Gonçalves, que deram provas de espírito de sacrifício e boa vontade em servir os interesses do Município com manifesta prejuízo das suas ocupações profissionais, sendo por isso forçosos reconhecer os serviços assim prestados à causa pública.

1960/63

Já entrou no exercício das suas funções a nova vereação municipal de Loulé, a quem há dias foram distribuídos os seguintes pelouros:

Presidência: Secretaria, Tesouraria, Finanças, Obras, Matadouro, Mercados e Feiras; Amadeu Pedro da Cruz: Assistência e Bombeiros; Eduardo Delgado Pinto: Jardins, Arborização e Parque da Vila; João Farrajota Alves: Água e Luz; João de Sousa Murta: Freguesias Rurais; Dr. Manuel Mendes Gonçalves: Cultura e Turismo e Sebastião Rodrigues Marques: Higiene, Limpeza e Cemitério.

Tendo coincidido a posse do novo Presidente da Câmara com a nova Vereação, há fortes motivos para que, duma conjugação de esforços comuns, resulte trabalho profícuo a bem de Loulé e de todo o seu concelho.

A população espera e confia que os novos elementos agora chamados a prestar o seu concurso na administração local pretem o melhor do seu esforço e boa vontade na resolução dos problemas que se lhe deparam, tendo em vista os superiores interesses da comunidade.

Joaquim Madeira Ceixeira

A seu pedido, foi colocado na comarca de Grandola, o solicitador encartado e nosso prezado amigo sr. Joaquim Gil Madeira Teixeira, que há cerca de 15 anos fixou residência em Loulé, onde graneou merecida simpatia de quantos com ele privaram.

Fazemos votos pelas suas prosperidades profissionais.

Chefe de Escritório
- Guarda-livros
- Chefe de Secção

Ainda colocado em grande empresa de África, desejará fixar-se na metrópole. Possue carteira profissional de guarda-livros, passada pelo Sindicato de Lourenço Marques e dá as melhores referências. Nesta redacção se informa.

Eng. Júlio
Cristovão Mealha

No momento em que ácaba de assumir as suas funções o novo Presidente da nossa edilidade, não deixa de ser oportuno dedicar algumas palavras ao sr. Eng. Júlio Cristovão Mealha, Vice-Presidente em exercício durante cerca de um ano e durante o qual serviu o concelho com elevado critério, procurando a solução adequada para os complexos problemas que se lhe depararam durante a sua curta gerência.

Entre as obras levadas a efeito durante esse espaço de tempo, contam-se como as mais importantes a iluminação da Avenida José da Costa Mealha, reparação de algumas estradas municipais, construção das novas salas de aula para a Escola Técnica e o prosseguimento da electrificação do concelho, cujo ritmo não foi tão acelerado como seria para desejável por demoras provocadas pelos empreiteiros.

Estamos certos que a experiência da administração adquirida durante a sua estada na Presidência, proporcionará ao sr. Eng. Mealha elementos valiosos para que na Vice-Presidência possa continuar a ser útil à sua terra.

«A VOZ DE LOULÉ»

Informamos os nossos prezados assinantes que os preços das assinaturas são os seguintes:

Trimestre	7\$00
Semestre	14\$00
Ano	25\$00
Ano (Ultramar)	30\$00
Ano (Ultramar-Avião)	60\$00
Ano (Estrangeiro)	37\$50
Ano (Estrangeiro-Avião)	85\$00

Os recibos enviados à cobrança têm um aumento de 1\$50, qualquer que seja a importância.

Por não haver serviço de cobranças para a África nem estrangeiro, muito agradecemos aos nossos prezados assinantes aí residentes, o especial favor de nos remeterem as importâncias das suas assinaturas pelo processo que mais lhes convenha.

Confirmação

E' efectivamente de bom gosto o fatinho que vem fotografado no alto da 4.ª coluna, pág. 9, do n.º 194 deste jornal, publicado em 20/12 último, fatinho que é um exclusivo da CASA NATAL de Mendes & Mendes, L.º, onde foi adquirido.

Agradecemos a publicidade feita pela concorrente, que reconhece, realçando-o, o bom gosto dos nossos modelos.

Mendes & Mendes, L.º

Perfumaria da Moda e Retrosaria

TRESPASSA-SÉ

Por o seu proprietário não poder estar á frente do estabelecimento, trespassa-se a Perfumaria da Moda e Retrosaria, com toda a existência. Fundada há mais de 20 anos, muito atrevesada e situada no melhor local da vila.

Dão-se facilidades de pagamento e descontos especiais sobre os preços de factura.

Tratar com Eduardo Correia. Telef. 82.

LOULE

Grande Baixa de Preços!!!
em LOUÇAS SANITARIAS

e Lavatórios de várias medidas

APROVEITE AGORA O
DESCONTO ESPECIAL

25%

AZULEJOS:

De 2. 1\$10 De 3. \$80

Casa JOÃO DE OLIVEIRA

Av. Marçal Pacheco

LOULE

ALMOÇO

de confraternização

Angel Delgado Perez

Com a avançada idade de 75 anos, fincou-se em casa de sua residência nesta vila, no passado dia 2 do corrente, o conceituado comerciante desta praça e nosso prezado amigo e assinante sr. Angel Delgado Perez, natural de Vila Nueva dos Castelos (Huelva), tendo vivido 56 anos em Loulé, pois fixara aqui residência em 1903, ao empregar-se no estabelecimento de seu tio Pablo, que era muito popular desse tempo nessa vila.

Em 1913 casou com a nossa conterrânea sr. D. Beatriz Augusta Guerreiro Delgado e nesse mesmo ano abriu o seu estabelecimento de fazendas, sendo portanto, à data do seu falecimento, o mais antigo comerciante da nossa praça e o último membro da numerosa colónia espanhola que se estabeleceu em Loulé no princípio deste século.

E curioso notar que, apesar do longo afastamento da sua terra, nunca perdeu o sotaque espanhol, que lhe era tão peculiar.

Comerciante de exemplar honestidade, soube grangerar numerosa e dedicada clientela, sendo muito estimado por quantos conheciam a sua afabilidade de trato, contando por isso grandes amizades e disfrutando de muita simpatia no nosso meio.

O saudoso extinto era pai da sr. D. Beatriz Delgado Guerreiro Rolim, e dos nossos particulares amigos e assinantes srs. Drs. Angelo Delgado Guerreiro, Presidente da Comissão Conceição da União Nacional e João Delgado Guerreiro, químico-farmacêutico no Laboratório Jaba e sogro do sr. Dr. D. Maria Regina Simbra Delgado e Maria Henriqueta Santos Delgado e avô de Angelo Simbra Delgado, Alvaro Jorge Delgado Rolim, João Eduardo Simbra Delgado, João Angelo, Alvaro José, Maria Beatriz e Pedro Manuel Santos Delgado.

O seu funeral, que foi um dos mais concorridos que nos últimos anos se têm realizado em Loulé, constituiu sentida manifestação de pesar e foi testemunho da simpatia que o saudoso extinto gozava nesta vila.

A família enlutada endereça «A Voz de Loulé» sentidas condolências pelo infausto acontecimento.

EDITAL

Recenseamento Militar

Rui Eduardo da Glória Centeno, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Loulé.

Faz saber que todos os mancebos que, no próximo ano de 1960 completarem 20 anos, e que sejam naturais deste Concelho, são obrigados a participar nesta Secretaria, durante o próximo mês de Janeiro, que chegaram à idade de serem inscritos no Recenseamento Militar.

Igual participação deve ser feita pelos pais, tutores, ou pessoas de quem os mancebos dependem, o que se faz público, para conhecimento dos interessados e para que quaisquer pessoas possam apresentar os esclarecimentos que julgarem convenientes.

Loulé, 30 de Dezembro de 1959
O Chefe da Secretaria,

Rui Eduardo da Glória Centeno

Participações de nascimento em modernos e interessantes modelos, executam-se na Gráfica Louletana.

PRÉDIO

Por motivo de retirada vende-se um prédio de 1.º andar na Rua da Piedade n.º 42, 44 e 46, com 8 divisões e varanda, e um amplo armazém no rés-do-chão.

Tratar com Joaquim Anica (pedreiro) — Campina de Cima — Loulé.

Dr.ª Maria João Correia

MÉDICA-ESPECIALISTA

Interna de Obstetrícia e Ginecologia
dos Hospitais Civis de Lisboa

Consultas aos Sábados às 10 horas.

A POSSE DO SR. PRESIDENTE DA CÂMARA

(Continuação da 1.ª página)

Concelhia do organismo a que distritalmente preside e bordou algumas considerações sobre a política local.

Em nome das Juntas das freguesias rurais, falou o sr. José Cavaco Vieira, prestigioso e dedicado presidente da Junta de Freguesia de Alte que aproveitou a circunstância para, ao saudar o sr. Francisco Guerreiro Barros, chamar a sua atenção para as necessidades e situação das populações rurais.

Finalmente falou o empossado que, depois de ter agradecido às Comissões políticas a indicação do seu nome para o desempenho do cargo que assumira, ao sr. Ministro do Interior a sua aceitação e aos presentes a solidariedade que lhe significavam, justificou-se dizendo:

Três imperativos pesaram na minha deliberação de aceitar este cargo.

1.º — O dever de filiado na União Nacional a cujas directrizes me habituei a obedecer, para onde e quando fosse chamado;

2.º — O exemplo e lição do CHEFE que não conhece limites na abnegação de servir;

3.º — O coração de louletano desperto em mil e umas evocações dos tempos, das pessoas e das coisas já distantes.

Depois de aludir à disciplina e sacrifício com que, por vezes, o filiado tem de servir, afirmou:

E nem pense ninguém que estas responsabilidades de filiação estão isentas de dissabores e desgostos. Ponto é que, ressalvados casos excepcionais de dignidade e honra ofendidas, não se transformem agravos mínimos meramente pessoais, em irredutibilidades políticas, mórmente entre os que indefectivamente comungam dos mesmos ideais. As pessoas passam e morrem; as ideias ficam e perduram.

Focando o momento político que vivemos e sem deixar de evocar a obra do sr. Presidente do Conselho de quem, por vezes os que dizem servir a situação política se não lembram, o sr. Guerreiro Barros disse:

Todos sabem que o mundo político vive em constantes agitações e que no momento que passa uma campanha se desenrola contra nós, camouflada de democracia, mas no fundo não é outra coisa senão o rugir dos ventos apocalípticos de leste. E o mais triste é ver que os agentes dessa destruição já não se encontram fora das fronteiras. Têm, infelizmente cá dentro. O alvô dessa campanha é precisamente — O Chefe — Salazar, a quem a Nação deve a obra grandiosa do seu ressurgimento: ninguém na História, jamais o ultrapassou, nem o igualou em trabalho, abnegação e sacrifício. Honremos, portanto o Chefe, servindo-o, servindo a Nação, seja qual for a trinchera em que nos coloquem.

Definindo a sua posição quanto às funções assumidas continuou:

Vim, sobretudo, para servir a nossa terra e fazer por ela, se for possível, tanto como outros dos seus filhos o fizeram, em abnegação, em acrisolado amor, com indiscutível mérito. Apraz-me neste momento tributar a todos, os meus louvores, sem reservas. Se Loulé é uma Vila progressiva foi porque os seus servidores não dormiram perante os impulsos dos seus anseios e aspirações.

Não trago programa especifi-

EDITAL

Recenseamento Militar

Rui Eduardo da Glória Centeno, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Loulé.

Faço saber que, ao abrigo do disposto na quarta parte do art.º 9.º da Lei n.º 2034, de 18 de Julho de 1949, os indivíduos em idade de ser incluídos no recenseamento militar, residentes neste concelho há mais de um ano, podem por ele ser recenseados desde que solicitem a sua inclusão no mapa respectivo em requerimento dirigido ao Ex.º sr. Presidente da Câmara Municipal acompanhado de atestado de residência, passado pela Junta de Freguesia e de uma certidão de nascimento, que pode ser substituída pela apresentação do bilhete de identidade.

Para constar se passou o presente e outros de igual teor que vão ser fixados nos lugares do costume.

Câmara Municipal do Concelho de Loulé, 30 de Dezembro de 1959.

E eu, Rui Eduardo da Glória Centeno, Chefe da Secretaria, o subscrevi e assinei.

O Chefe da Secretaria,
Rui Eduardo da Glória Centeno

cado, no domínio das realizações municipais. Seria veleidade incorporar num esquema programático o conjunto de problemas que se nos deparam, das mais variadas nuances, de maior ou menor grau de preemcia, de maior ou menor soma de encargos.

O que me pareceu mais prudente e acisado é começar por uma análise aos recursos financeiros do município, a pronto e a prazo, e dentro dessa estrutura introduzir aquelas obras e aqueles melhoramentos mais compatíveis com aqueles recursos. Sem embargo, reconheço que em certos aspectos temos de começar a actuar e depressa, porque há coisas dentro do concelho que não parecem estar muito certas nem de harmonia com o prestígio que se pretende dar-lhe.

Que ninguém se iluda, porém. As coisas não há de sobrevir de improviso e em catadupas, nem deixarão de importar em grande dispêndio de esforços, de persistência e tenacidade e até em alguns sacrifícios que são sempre o preço de tudo o que se conquista. Mais, portanto, o dever de reciprocidade.

Sabemos que não é fácil nossa tarefa. Mas não haja por isso desânimos.

Os homens fizeram-se para lutar e aquele que não luta jamais saberá o que é viver. Ponto é que todos nos compreendam e ajudem a suprir as nossas deficiências.

Não oculto que sempre tendo tido especial predileção pelas freguesias rurais e aglomerados populacionais do campo. Ou por influência do meio rural em que nasci ou por sincronização com as realidades dos tempos em que vivemos, consagro uma atenção carinhosa aos mais humildes que por isso e pelo relevante papel que desempenham na política social e económica da Nação, bem merecem que prestemos atenção às suas legítimas aspirações. E este pendor da minha inteligência e simpatia, cada vez mais o sintetizado, na medida em que a vejo confirmada na orientação do nosso Governo e dos Estados modernos.

Gosto da crítica à luz do dia, clara, nascida das luminosidades da razão e da inteligência, perfumada das complacências do coração que tem de ser generoso, como o do mestre a corrigir os ignorantes, ou dum amigo coadjuvando outro amigo em busca de justiça e da verdade.

Sirvo-me das palavras que li ali-gures: assim concebida, a crítica é para nós condição indispensável de progresso e de acerto. Mas quando ela se reduz a simples manifesto de insatisfação ou quando essa insatisfação se constitui um fim em si próprio, uma como que pura atitude de snobismo ou de impotência, então a crítica não pode mais exceder a sua missão positiva de orientadora, transforma-se em factor de perturbação da inteligência, em germe de desalento, a minar a alma e o corpo de quantos não têm força de resistir-lhe.

Mas se puz reticências num apelo de colaboração, nada me embarga a voz ao oferecer-lhe no mais rascgado anseio de que todos contribuam para o ressurgimento da nossa terra, da nossa província, da nossa Pátria.

Todos os esclarecimentos serão dados, todos os alvites, sugestões e conselhos serão ouvidos e estudados. Portas abertas para todos, sem formalismos nem protocolos, em taboa raza de amigos, à maneira peculiar dos louletanos.

E termino com o meu repetido muito obrigado. VIVA LOULÉ.

Muito aplaudido, os novo presidente foi muito cumprimentado depois de o sr. Governador Civil ter encerrado a sessão.

Como ligeiro comentário a estas breves notas, de reportagem, limitamo-nos a assegurar ao sr. Guerreiro Barros toda a nossa colaboração, dada com o espírito que animou as suas palavras: apoio em tudo que o mereça e crítica construtiva em tudo quanto seja a bem de Loulé.

Formulamos votos por que o novo presidente do Município consiga reconduzir o Concelho às suas tradições de progresso e com o seu prestígio, isenção e clarividência, possa promover a unidade dos que, indepitavelmente comungam nos mesmos ideais, pois mesmo na administração municipal não há problema administrativo de projeção que possa ser resolvido sem reflexos de uma ou de outra orientação política, isto é sem confirmar, negar ou trair princípios.

dormir melhor e respirar o ar iodado das praias.

Todos temos de fazer turismo — turismo interno dirigido aos de casa que também precisam de boas estradas e caminhos, de luz e água, de limpeza e higiene, do alinhamento das nossas praças e jardins, do bom gosto e aformoseamento das fachadas dos nossos edifícios, da extinção da mendicidade, da melhor assistência e proteção aos desvalidos — um mundo enfim de pequenas grandes coisas que é preciso enfrentar com coragem, paralelamente aos grandes empreendimentos. E preciso considerar que há turistas que não desejam deixar-se embalsamar dentro da sumptuosidade dos hoteis e que não vindo em linha recta de avião intercontinental do ponto de partida ao terminus, farão escadas para fruir em toda a plenitude as delícias turísticas do nosso Portugal.

Será pesada a tarefa que as exigências modernas nos impõem, mas urge que cada um no seu sector pense nela, porque o apoderar-se de progressiva uma vila, não é um cartaz vazio de corte, em que ninguém já se deixa iludir à luz das realidades que nos cercam. De resto, tudo isto é administração.

Dirigindo-se à vereação a quem ofereceu e pediu colaboração e terminou com as seguintes palavras dirigidas à Imprensa:

Apetecia-me solicitar também a vossa colaboração se não rejeasse que a leva à conta de temor ou de desejo de furtar-me à crítica ou à censura dos jornais. Nada mais errado. Eu gosto e aprecio em alto grau a crítica construtiva, não aquela que se faz ao entardecer, já quando as nuvens sombrias dos despeitos e das paixões ganham alenturas.

Gosto da crítica à luz do dia, clara, nascida das luminosidades da razão e da inteligência, perfumada das complacências do coração que tem de ser generoso, como o do mestre a corrigir os ignorantes, ou dum amigo coadjuvando outro amigo em busca de justiça e da verdade.

Sirvo-me das palavras que li ali-gures: assim concebida, a crítica é para nós condição indispensável de progresso e de acerto. Mas quando ela se reduz a simples manifesto de insatisfação ou quando essa insatisfação se constitui um fim em si próprio, uma como que pura atitude de snobismo ou de impotência, então a crítica não pode mais exceder a sua missão positiva de orientadora, transforma-se em factor de perturbação da inteligência, em germe de desalento, a minar a alma e o corpo de quantos não têm força de resistir-lhe.

Mas se puz reticências num apelo de colaboração, nada me embarga a voz ao oferecer-lhe no mais rascgado anseio de que todos contribuam para o ressurgimento da nossa terra, da nossa província, da nossa Pátria.

Todos os esclarecimentos serão dados, todos os alvites, sugestões e conselhos serão ouvidos e estudados. Portas abertas para todos, sem formalismos nem protocolos, em taboa raza de amigos, à maneira peculiar dos louletanos.

E termino com o meu repetido muito obrigado. VIVA LOULÉ.

Muito aplaudido, os novo presidente foi muito cumprimentado depois de o sr. Governador Civil ter encerrado a sessão.

Como ligeiro comentário a estas breves notas, de reportagem, limitamo-nos a assegurar ao sr. Guerreiro Barros toda a nossa colaboração, dada com o espírito que animou as suas palavras: apoio em tudo que o mereça e crítica construtiva em tudo quanto seja a bem de Loulé.

Formulamos votos por que o novo presidente do Município consiga reconduzir o Concelho às suas tradições de progresso e com o seu prestígio, isenção e clarividência, possa promover a unidade dos que, indepitavelmente comungam nos mesmos ideais, pois mesmo na administração municipal não há problema administrativo de projeção que possa ser resolvido sem reflexos de uma ou de outra orientação política, isto é sem confirmar, negar ou trair princípios.

Tudo o que se passou o presente e outros de igual teor que vão ser fixados nos lugares do costume.

O altíssimo talento do eminente escritor nascido em terras algarvias, como tal, o vulto de maior projeção intelectual de que o Algarve se orgulha, foi alvo de uma altisonante e justa homenagem: Doutor Honoris Causa conferida pela doutra Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Distinção de primeira grandeza, consagração ao seu altíssimo talento.

Tratar com os proprietários

EMPREGADA
Precisa-se
nesta redacção se informa.

Falar de Loulé

(Continuação da 10.ª página)

Já várias vezes temos sentido neste jornal que, de número, vem mostrando o seu interesse pelo progresso da terra, onde, infelizmente, quase tudo que traduzia interesse, da nobre Vila de Loulé, hoje, quase tudo se deturpa, unhas vezes por malidade encapotada, e outras por comodismo — por inferioridade de espírito em qualquer dos casos.

Tudo que temos escrito a respeito de Loulé e dos seus filhos tem sido muito sincero, como convicto, julgando não ter dado a ninguém motivos para afirmar o contrário e sem sermos ainda irredutíveis à verdade.

Se discordam de nós, combatam as nossas opiniões. Digam-nos onde e como não dizemos a verdade, porque então seremos nós os primeiros que confessaremos as nossas erros, que deles nos penitenciaremos, que daremos o seu ao seu dono.

Enquanto, porém, não houver quem nos demonstre que não dizemos a verdade, continuaremos a apresentar as nossas opiniões e que nos poupem a comentários que só se podem fazer a quem de má fé.

A verdade é que se os habitantes de Loulé estivessem sempre unidos e decididos a defender os interesses da terra, sem dúvida já os poderes públicos lhe dariam a consideração a que ela tem direito.

Isto que acabamos de expôr é a expressão sentida de uma louletano amigo da terra, que reconhece ter estado nos costumes de muitos, e já como regra inviolável seguida por alguns os esquecimento dos deveres de cidadãos, por quem a nossa pena é impiedosa, mas justa, mas conservando sempre uma certa independência, porque quem não se domina a si próprio, deixa-se dominar pelos outros.

Não bastam só palavras para se conseguir o que se necessita, mas para tal precisa-se boa vontade para se protestar contra actos repreensíveis cometidos por alguns louletanos, felizmente poucos, seria para nós um gesto cobarde que nunca fomos, do qual havíamos de ter vergonha, por isso nunca tememos erguer a voz contra todos que são menos que mediocres e que se julgam superiores aos outros que ovultam os méritos que possuem, de todos aqueles que não sintam pulsar os corações perante a terra que lhe foi berço, a terra que é presentemente uma vila moderna e movimentada com as suas ruas largas e limpas, cheia de luz e de grande amenidade de clima, ao encanto da sua paisagem sem igual.

Não bastam só palavras para se conseguir o que se necessita, mas para tal precisa-se boa vontade para se protestar contra actos repreensíveis cometidos por alguns louletanos, felizmente poucos, seria para nós um gesto cobarde que nunca fomos, do qual havíamos de ter vergonha, por isso nunca tememos erguer a voz contra todos que são menos que mediocres e que se julgam superiores aos outros que ovultam os méritos que possuem, de todos aqueles que não sintam pulsar os corações perante a terra que lhe foi berço, a terra que é presentemente uma vila moderna e movimentada com as suas ruas largas e limpas, cheia de luz e de grande amenidade de clima, ao encanto da sua paisagem sem igual.

Loulé tem dado, apesar da indolência de uns e do não ter de rales de alguns dos seus filhos, sinais de grande vitalidade, com o seu grande comércio e a sua conhecida indústria, que muito tem contribuído para o seu progresso.

Uma terra nestas condições não morre, tem de progredir, porque progredir é a lei suprema deste povo.

Augusto C. Bolotinha

— — — — —

ECOS DE SALIR

(Continuação da 10.ª página)

ram. De quando em quando aparece uma brigada de homens a trabalhar, pondo ferragens, tirando ferragens, marcando postes, colocando postes etc. Quer dizer o tempo vai passando e nós temos de ir esperando e as instalações a estragarem-se por não servirem a não ser para poiso de moscas. E vá lá que já servem para alguma coisa...

O que dará origem a tão grande morosidade?

Há quem diga e é natural que isso aconteça, que algumas terras deste mesmo concelho que vão ser electrificadas, cujos trabalhos foram adjudicados em meados deste ano ainda vão beneficiar desse melhoramento primeiro que nós.

Em todo o caso aguardamos que isto se apronte e dê... luz.

— Esta praticamente concluída a ampliação do edifício escolar passou que a ter 4 salas, em vez de duas o que era insuficiente para a frequência.

O recinto também foi devidamente murado, o que lhe dá um magnífico aspecto.

C.

ECZEMA dos SEIOS e VIRILHAS

É o resultado de uma transpiração ácida

Use o DESODORIZANTE «MEDICINAL» INDIAN

Depositário: FARMÁCIA ALGARVE

Avenida de Roma, n.º 7-B

L I S B O A



O melhor brinde para sua esposa:

A MÁQUINA DE COSTURA QUE MAIS GARANTIAS OFERECE

Agente em LOULÉ

CORREIA & PEDRO, L. DA

Largo Gago Coutinho, 16-17

Loulé e o seu Carnaval

EDITAL

Recenseamento Eleitoral

RUI EDUARDO DA GLÓRIA CENTENO, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de LOULÉ,

FAZ SABER, nos termos e para os efeitos do art.º 10.º, da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1960, terão início no dia 2 de Janeiro próximo futuro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Ao abrigo do disposto nos artigos 1.º e 2.º da citada lei:

São eleitores e, como tal, recenseáveis:

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português:

2.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais:

3.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

- a) — Curso geral dos liceus;
- b) — Curso do magistério primário;
- c) — Curso das escolas e belas artes;
- d) — Curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
- e) — Curso dos institutos industriais e comerciais.

4.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art. 13.º da citada Lei.

A prova do pagamento referido nos n.ºs 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a) — Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b) — Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3.º faz-se:

Pela exibição do diploma de curso, da certidão ou da pública-forma respectiva, perante a comissão de freguesia ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art. 13.º da citada Lei.

Não podem ser eleitores:

1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;

7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como estado independente e à disciplina social;

8.º — Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento ao Presidente da Comissão Recenseadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, estado, profissão, habilitações literárias e morada.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho, 30 de Dezembro de 1959

O Chefe da Secretaria,
Rui Eduardo da Glória Centeno

TINTAS BRILHANTES A OLEO:

SUPREMO . Kilo . .	40\$00
LUA . . . " . .	20\$00
EXCELSIOR. " . .	32\$00

Tintas a água de várias marcas
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

Casa João de Oliveira

Avenida Marçal Pacheco

LOULÉ

Furgoneta

VENDE SE uma furgoneta **Wolkswagen**, em estado novo.

Tratar com Manuel Bartolomeu Romão — S. Bartolomeu de Messines.

VENDE-SE

Morada de casas terreas e courela de terra de sepear, com amendoeiras, alfarrobeiras e oliveiras. Junto à sede da Sociedade das Quatro Estradas — Loulé.

Tratar com Maria da Assunção Martins — Rua da Barbacã, 31 LOULÉ.

Transportes de Carga Louletana, Lda



Largo Tenente Cabecadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

AGÊNCIA EM LISBOA

Rua de S. Mamede, 24-D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

Maria de Fátima Bravo

(Continuação da 3.ª página)

mãe, raras vezes as cantigas tinham tempo de chegar à sua boca.

Até que um dia, um seu conterrâneo, em casa de famílias amigas, ouvindo-a, por brincadeira cantar, lhe disse ter ela possibilidades de entrar para a nossa Emissora Nacional.

Assim começou a vida artística desta nossa comprovinciana, entrando para o Centro de Preparação, dirigido pelo Prof. Mota Pereira.

Em 1955, a 19 de Outubro, fez a sua estreia como profissional na E. N., cantando, como boa algarvia que é, pois escolheu-a para o seu exame perante o público que a ouvia, uma canção «Algarve de Sonhos», dedicada à terra que a viu nascer, e a sua Província.

A sua voz — disse Maria de Fátima Bravo — não sabe como salu, mas, certamente, com alma e coração, pois era o seu primeiro contacto com o numeroso auditório que a ouvia através dos postos da nossa Estação Emissora.

Logo no ano seguinte — 1956, integrada num festival aeronáutico organizado pela E. N., foi aos Açores.

O Teatro tentava-a, estreando-se em 1957, ano em que também fez a sua aparição na Televisão, onde continua a actuar com frequência.

Como vedeta da canção, tem actuado no nosso Teatro revistístico.

E ainda em 1957 que faz uma grande tournée pelo País, colaborando com os conhecidos artistas: Maria Dulce, Manuel Moreno, Maria Candal, Odíllo Odilon, Manuel Fernandes e outros.

Em 1958 tomou parte no 1.º Festival da Canção, obtendo êxito notável pelos seus números exibidos, (nós assistimos e aplaudimos-lá).

A «boite» tentou-a e, nesse mesmo ano, Maria de Fátima Bravo, actuava com absoluto êxito algumas das melhores salas de Lisboa, como sejam: Hotel Tivoli, Casino Estoril e Hotel Embaixador.

Depois do Teatro, da Rádio, da Televisão e «boites», o Cinema acenou-lhe a vontade, filmando o filme português «Costureirinha da Sét», estreado em 1959 nos principais cinemas da Capital e do País.

A sua estreia neste género de representar, foi assinalada como um autêntico triunfo para a algarviana que, mesmo distante do seu Algarve, não se esquece dele, tendo muitas saudades dos seus verdejantes campos e das suas maravilhosas praias sem igual no Mundo.

Agora, Maria de Fátima Bravo só pede que Deus a ajude a fazer mais e melhor.

Estamos certos de que assim sucederá, pois as suas exuberantes qualidades de notável artista que é, contribuirá para que os seus anseios se concretizem, e isso, para regozijo dos seus conterrâneos e honra da sua Província.

Uma algarvia que chegou a Lisboa e venceu pelos seus próprios méritos.

L. S. P.

—00—00—00—00—00—00—00—

Mariac Dimbla

(Continuação da 6.ª página)

as quais representa em Portugal. Na Literatura, a nossa considerada comprovinciana Mariac Dimbla, tem, apenas, dois livros publicados: «Alfinetadas» — crítica amena e «História Daquela Torre» — romance, estando para breve a publicação das suas obras máximas.

São inúmeras as crónicas, artigos e contos que tem publicado em diversas Revistas e Jornais.

Dirigiu como autora por um espaço grande de tempo a página Literária da Revista «UNIVERSO», colaborando presentemente, no «Comércio do Porto»; «Jornal de Notícias»; «Modas e Bordados», «Notícias de Macau», «Revista de Turismo», «Mundo Gráfico» e «Revista Voga».

Como exímia tradutora de várias línguas, traduziu a obra de Henry Queffelec, — «Un recteur de Lise de Sein», — apresentada entre nós com o título «DEUS PRECISA DE HOMENS».

Sem dúvida alguma, esta distinta algarvia é, também, um valor do Algarve em Lisboa.

L. S. P.

PRÉDIO

Por motivo de retirada, vende-se um prédio no sítio de Clarenas, com 6 divisões, quintal e terraço. Abundância de água nas proximidades.

Junta à Estrada Nacional. Tratar no local com António Constantino da Silva ou em Lisboa com António da Silva Luis — Rua António Nobre, 49-1-Dt. — Telefone 784260.

Falar de Loulé

Ao começarmos o artigo vimos-nos verdadeiramente embaraçados com a grande afluência de assuntos que nos vinham à mente, mas há sempre um que nunca nos abandona o pensamento: — falar de Loulé e da sua boa gente.

Já dissemos algumas vezes e repetimo-lo-emos que julgamos oportuno fazer lembrar. Os filhos de Loulé não devem contar senão consigo mesmos, porque da política nada têm de esperar. E o que tem mostrado a experiência.

Pela nossa parte, como filho de Loulé, que nos honramos de ser estaremos, como sempre, pronto a pugnar pelos seus direitos e interesses e pormos-nos ao lado de quem dedicadamente seguir o mesmo caminho.

Não temos divergências políticas, nem rivalidades, nem indisposições pessoais seja com quem for. O bem da terra acima de tudo, como várias temos afirmado na «A Voz de Loulé», cuja ação tem sido verdadeiramente notável.

E-nos sempre agradável ao espírito falar da terra onde nascemos e da sua boa gente. Apesar de serem débeis as nossas possibilidades intelectuais confelemos-las, mas temos a consciência tranquila que o seu peso pouco poderá influenciar no espírito de quem antecipadamente se confessa sem valor, e embora, cá tão longe, temos a coragem precisa para dizer o que se nos oferece sobre tão bela terra, sentindo o que um filho sente por sua mãe — amor puro, amor sem igual, e como Loulé é mãe de todos os louletanos, nós louletanos também, amamos a bela terra louletana, nossa mãe também.

Quando falamos de Loulé sentimos orgulho de ser filho de tão bela terra, herdeira de um património a todos os títulos notável, marcando, há muito tempo, a sua elevada posição entre as outras terras da sua categoria, dotada de importantes elementos de vida.

(Continuação na 8.ª página)

O desperdício

NA Indústria de Panificação

Continuamos a tocar na mesma nota, desta vez um pouco «mais afinada» pelo Regulamento da indústria, a que se refere o decreto lei n.º 42.477, de 29 de Agosto de 1959.

Esta lei veio dizer que não queremos mais indústrias caseiras para fabricarem o pão, ou seja o artigo de primeira necessidade na alimentação humana — cerca de 8.000 contos, por dia, em Portugal — partindo do princípio que cada português comerá 300 gramas de pão por dia.

Dentro de 4 anos, como dispõe o artigo 73.º do referido decreto-lei n.º 42.477, todos os estabelecimentos de fabrico de pão, mesmo os caseiros, passam a ser industriais, e, como tal, têm que satisfazer aos preceitos dos outros industriais, que são, para os aglomerados populacionais inferiores a 5.000 habitantes, os que vêm indicados nos artigos 55.º a 58.º ou seja, um forno com largura de 8 m.2 de área mínima, amassaria separada ou em comum com o forno, e outras exigências, como a arrecadação de farinhas, depósito de combustível, instalações sanitárias, etc.

Bem fez o legislador em exigir estes requisitos para se poder fabricar e vender pão.

De origem fidedigna, podemos informar o leitor, que a fiscalização da indústria de panificação encontrava padarias caseiras, algumas nem sequer legalizadas, a fabricar o tal pão, extremamente saboroso, no dizer do público consumidor, nas piores condições higiênicas. Num dos casos, a massa estava guardada numa cava-laria e, noutro, o pão amassado estava escondido entre os lençóis da cama de uma mulher bastante doente...

E isto era tanto mais de estranhar, quanto é certo que se exigia que o leite e muitos outros alimentos fossem sujeitos a cuidados higiênicos especiais.

4.ª PÁGINA —>

ECOS DE SALIR

«A Voz de Loulé» festejou há pouco o seu 7.º Aniversário e iniciou um novo ano de trabalho e canseiras em defesa dos interesses da sede do concelho e das freguesias que o constituem.

A sua voz tem-se feito ouvir sempre que é necessário aliviar uma ideia ou apoiar uma pretensão de utilidade pública ou ainda fazendo eco nas suas colunas de tudo que tiver valor noticioso. E, pois, um órgão necessário e útil a todo o concelho e merece por isso carinho e respeito de todos os seus habitantes.

Aproveito pois, esta oportunidade para, em nome dos seus assinantes nesta freguesia, apresentar a seu proprietário e Director respeitosos cumprimentos, e votos de longa vida para continuarem a desempenhar a sua esplêndida missão.

Há mais de um ano que principiou os trabalhos da montagem da linha de alta tensão que fornecerá energia eléctrica a Salir, Benafim e Alte. Dizia-se há tempo que seria em Junho o mais tardar a sua inauguração. Entretanto já são decorridos quase seis meses após essa data, e os trabalhos ainda não terminaram.

(Continuação na 8.ª página)

PRESÉPIOS

Durante a quadra própria, estiveram patentes ao público desta vila alguns presépios, cujo engenhoso bom gosto foi largamente apreciado e justificaram as felicitações dirigidas aos respectivos autores.

Referimo-nos especialmente aos presépios armados na Igreja de S. Francisco, na sede do Núcleo da Legião Portuguesa, na Casa da Primeira Infância e estabelecimento «Pfaff».

Temperaturas médias durante a 2.ª quinzena de Dezembro:
Do ar, máxima 14,9; mínima, 8,6; água do mar, 13,1.

J. Barros

A propósito

(Continuação da 3.ª página)

co tivemos a preocupação de fazer obra perfeita porque isso seria impossível.

Desejámos apenas assinalar a passagem do 7.º aniversário deste jornal com um número fora de normal e ocorreu-nos que seria curioso tornar conhecidos dos algarvios alguns dos muitos seus compatriotas que na Capital lutam e trabalham, muitos deles não apenas em proveito próprio mas também pensando no bem estar alheio.

Estas palavras são muito especialmente dedicadas a quantos a «Casa do Algarve» sacrificam a sua comodidade e dão o seu dinheiros para mitigar a sorte daqueles para quem a vida foi adversa, ou ainda aproveitando todas as horas vagas das suas ocupações para se dedicarem de alma e coração a uma causa que devia interessar TODOS os algarvios mas de que, infelizmente, muitos se afastam: pugnar pelo progresso e desenvolvimento económico e turístico do Algarve.

A propósito das breves notas biográficas que publicámos, cumprimos esclarecer os mal intencionados que ao pretendermos realçar o valor dos nossos compatriotas residentes na Capital não tivemos a preocupação de nos referirmos apenas a pessoas ilustres, porquanto entendemos que nem só os intelectuais tem valor. Os que trabalham no comércio, na indústria ou em qualquer outra actividade também são merecedores da nossa consideração e apreço quando, pela sua capacidade, souberam guindar-se no meio em que exercem a sua operosa actividade.

Bem nos acautelámos ao escrevermos no nosso número anterior: «O resultado do nosso trabalho está à vista. Os leitores julgarão se valeu a pena ou se seria melhor nada ter feito». E realmente talvez tivesse sido melhor nada ter feito, pois os que nada fazem limitam-se a criticar o que os outros fazem e não são criticados pelo que deixaram de fazer.

PRÓ-MONUMENTO DR. BERNARDO LOPES

O LOULETANO

Adelino Eusébio Mendes



grande amigo e admirador do saudoso Médico e Benemérito Dr. Bernardo Lopes, oferece «o pediculio para o Monumento» e prontifica-se a levar a Loulé o Arquitecto para levantar o projecto

(Entrevista de LUIS S. PERES)

dem» e tanto ficaram a dever da abnegação e estoicismo do Médico e do Homem!

Ouvimo-lo, pois:

«Como louletano e assinante da «Voz de Loulé» desde o inicio acompanhei o movimento pró-monumento ao Dr. Bernardo Lopes, tendo-me subscrito no princípio da referida campanha.

Mais ou menos atento às evoluções desse movimento, mas sómente pela leitura do referido jornal, verifiquei com bastante desgosto a desagregação ou cristalização dos movimentos da Comissão, certamente por factores que não são do meu conhecimento.

(Continuação na 2.ª página)

O LOULETANO

Ocasionalmente soubemos que o Louletano Desportos Clube ficou campeão do Algarve no Campeonato Regional de Futebol, mas nada mais sabemos acrescentar porque nada entendemos de futebol — porque, em Loulé, não há quem tenha vagar de escrever para jornais.

VINHOS



Garantia de qualidade

indústria química

indústria têxtil

metalurgia dos metais não ferrosos

construções e reparações navais

fundição de ferro e aço

construções metalo mecânicas

A MAIOR ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL DO PAÍS

COMPANHIA

UNIÃO FABRIL

RUA DO COMÉRCIO, 49 — LISBOA

